

Svobodová, Iva

## Período simples

In: Svobodová, Iva. *Sintaxe da língua portuguesa*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 20-67

ISBN 978-80-210-7026-4; ISBN 978-80-210-7029-5 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/131325>

Access Date: 16. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

## 4. PERÍODO SIMPLES

A oração é a unidade máxima da sintaxe.<sup>36</sup> Pode ser segmentada em componentes mais pequenos, chamadas **termos ou elementos ou constituintes da oração**, que são componentes dotadas de uma certa autonomia semântica. Um termo da oração é formado por uma palavra lexical isolada ou unida com várias palavras que pertencem a variadas classes lexicais. Uma palavra gramatical não pode funcionar, isoladamente, como termo sintáctico da oração. Assim, na seguinte oração „*Nós falamos de ti.*“ contamos com três termos oracionais: 1. *nós*; 2. *falamos*; 3. *de ti*. A preposição serve apenas como uma ponte de união entre os termos da oração.

De acordo com a função que um termo oracional desempenha na oração, relativamente aos outros membros oracionais, distinguimos três grupos de termos:

1. constituintes (termos) sintácticos **essenciais** – sujeito e predicado;<sup>37</sup>
2. constituintes (termos) sintácticos **integrantes** ou **seleccionados**<sup>38</sup> – predicativo, complemento directo, indirecto, oblíquo (adverbial, nominal), agente da passiva;<sup>39</sup>
3. constituintes (termos) sintácticos **acessórios** ou não seleccionados<sup>40</sup> – adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto.<sup>41</sup>

As relações entre os termos oracionais são binárias (bilaterais). Ao analisar a oração, podemos observar que dois termos da oração estão sempre unidos mais estreitamente entre si do que com outros, como exemplifica a estrutura da oração seguinte:

*O director da empresa casou ontem com uma mulher muito simpática e muito jovem.*

Nesta oração há uma relação directa entre os seguintes termos: a) *O director da empresa*; b) *o director casou*; c) *casou ontem*; d) *casou com uma mulher*; e) *uma mulher simpática*; f) *uma mulher jovem*; g) *muito simpática*; h) *muito jovem*; e uma relação indirecta entre *casou* – *muito simpática*, *casou* – *muito jovem*, etc.<sup>42</sup>

36 Spitzová, E. (2000: 4).

37 Kury (2002: 20).

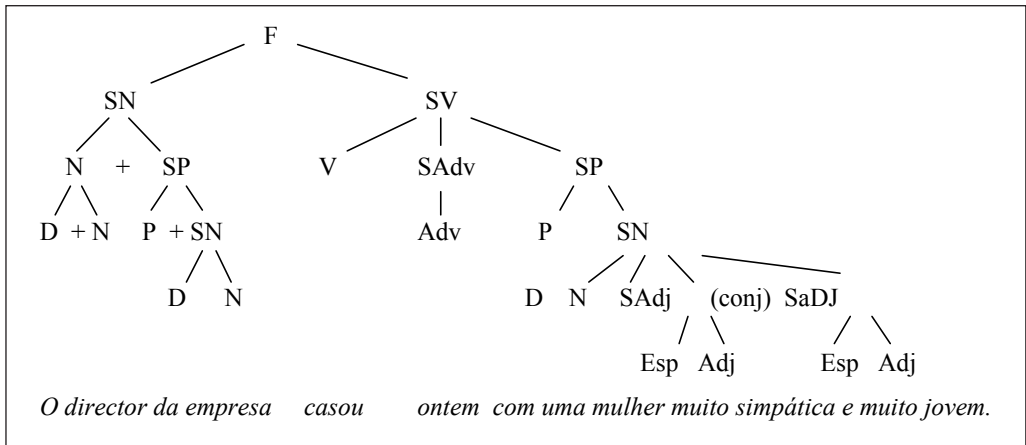
38 Gramática da Língua Portuguesa (2003: 277).

39 Kury (2002: 44).

40 Gramática da Língua Portuguesa (2003: 277).

41 Kury (2002: 54).

42 *Idem, ibidem.*



A relação entre os termos da oração é de três tipos:

- **interdependência:** quando os termos se pressupõem reciprocamente e nenhum pode existir sem o outro. Na oração desempenham sempre as funções de sujeito e de predicado, i. e., o **sintagma básico**<sup>43</sup>, chamado também **por excelência**, no qual, o verbo é o termo determinado e o sujeito, o termo determinante.
- **subordinação:** quando um dos termos pressupõe o outro, mas não ao contrário: um dos termos é constante e obrigatório, o outro variável (facultativo). Este tipo de relação é denominado também como **de determinação** (o termo constante e subordinante é o termo determinado pelo termo variável e facultativo (denominado determinante).
- **coordenação:** os termos da oração podem coexistir, mas não se condicionam. Na oração fazem parte da mesma função sintáctica e apresentam a mesma relação. Assim, na frase citada: *O director da empresa casou ontem com uma mulher muito simpática e muito jovem.*, há uma relação de interdependência: *o director casou*; uma relação de coordenação: *simpática e jovem*, sendo as outras relações definidas como relações de subordinação.

De acordo com a estrutura oracional, as orações podem ser divididas em unimembres e bimembres. O tipo mais frequente de oração é a **oração bimembre**<sup>44</sup>, a qual pode ser bipartida em sujeito e predicado. Pertencem a este tipo também orações que têm o sujeito omitido, implícito na forma verbal e que sempre pode ser expresso. As orações que são formadas apenas pelo verbo na função de predicado, sem o sujeito (nem explícito nem implícito) são chamadas **unimembres**<sup>45</sup> e

<sup>43</sup> Kury (2002: 20).

<sup>44</sup> Spitzová (2000: 8).

<sup>45</sup> *Idem, ibidem.*

incluem, sobretudo, aquelas orações que exprimem fenómenos naturais de tempo (*faz cinco anos*) e de atmosfera (*chover, relampaguear*), ou ainda outras como, por exemplo, as que são constituídas pelo verbo *haver* e *tratar-se de*.

O predicado é, na oração de um só termo, a enunciação pura de um facto qualquer, é aquilo que se diz acerca do sujeito. O sujeito, ao contrário, é o termo que exprime o ser de quem se diz alguma coisa.

## 4.1. TERMOS ESSENCIAIS

### 4.1.1. SUJEITO

Em análise sintáctica, o **sujeito** é um dos termos essenciais da oração, geralmente responsável por realizar ou sofrer uma acção ou estado. O sujeito rege a terminação verbal em número e pessoa e é marcado pelo caso reto.<sup>46</sup> As regras de regência do sujeito sobre o verbo são denominadas **concordância verbal**.<sup>47</sup> Observe-se o seguinte exemplo:

*O coro regional de Jaromír Bazel cantará melodias brasileiras na Igreja Evangélica.*

Nesta frase, o verbo *cantará* é a forma finita do verbo *cantar*, que concorda com o sujeito *coro* na primeira pessoa do singular.

Para os verbos que denotam acção, frequentemente, o sujeito da voz activa é o constituinte da oração que designa o ser que pratica a acção, o chamado **agente**. O sujeito da voz passiva é o que sofre as suas consequências, e é chamado **paciente**. Sob outra tradição, o sujeito (psicológico) é o constituinte do qual se diz alguma coisa. Segundo E. Bechara, „é o termo da oração que indica a pessoa ou a coisa de que afirmamos ou negamos uma acção ou qualidade“<sup>48</sup>

Didaticamente, para identificarmos, dentro da oração, o termo na função de sujeito, podemos utilizar a seguinte **pergunta de controle**: *Quem é que?* ou *O que é que?* A resposta a esta pergunta será o sujeito, como ilustra o seguinte exemplo:<sup>49</sup>

*O menino brinca.*

*Quem é que está a brincar?*

*O menino.*

*(período simples)*

*(pergunta de controle)*

*(resposta: o menino= sujeito)*

46 Caso nominativo.

47 Kury (2002: 21).

48 BECHARA (2002).

49 Gramática da Língua Portuguesa (2003: 283).

### 4.1.1.1. Sujeito simples e composto

De acordo com o número de núcleos que o sujeito apresenta na oração, este pode ser dividido em simples e composto.<sup>50</sup> O **sujeito simples** apresenta apenas um núcleo substantivo (equivalente ou pronome), enquanto o **sujeito composto** é aquele que apresenta mais de um núcleo (substantivo, equivalente ou pronome). Normalmente, o sujeito precede o verbo, contudo, há casos em que o sujeito pode vir depois do verbo, como ilustram os seguintes exemplos:

<u>O avô</u> foi passear com o cão.	(sujeito simples)
<u>Eu e a mãe</u> vamos fazer compras.	(sujeito composto)
<u>Tu e eu</u> temos muito em comum.	(sujeito composto que precede o V)
Temos muitas coisas em comum, <u>tu e eu</u>	(sujeito composto localizado depois do V)

Observe-se que aumentar o número de características atribuídas ao sujeito não o torna composto. Assim, na frase:

A pequena criança parecia feliz com seu novo brinquedo.

o termo sublinhado é um sujeito simples e não composto. Ao mesmo tempo, na mesma frase com mais núcleos substantivos coordenados entre si verifica-se um sujeito composto:

A pequena criança e o irmãozinho pareciam felizes com o seu novo brinquedo.

De acordo com as propriedades morfossintáticas do sujeito, este pode apresentar vários tipos: explícito, implícito, indeterminado, e inexistente. De acordo com a terminologia moderna, o sujeito que é identificável na oração e que tem um referente textualmente ou contextualmente identificável, é chamado **sujeito argumental**.<sup>51</sup> Este pode ser foneticamente expresso ou nulo.<sup>52</sup> No primeiro caso trata-se do sujeito explícito e no segundo caso do sujeito implícito.

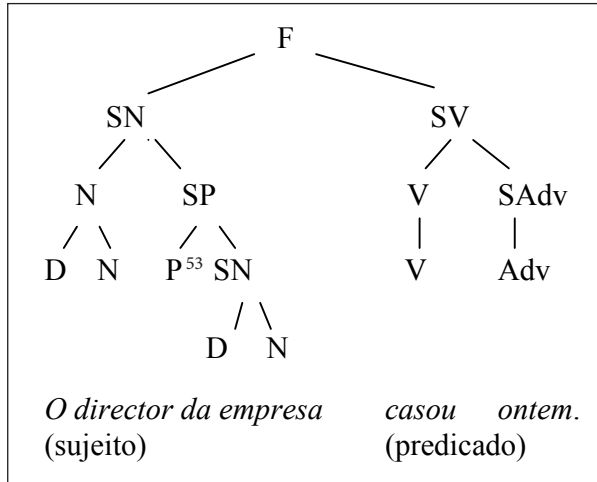
<sup>50</sup> Cunha, Cintra (1999:126); Kury (2002: 22).

<sup>51</sup> Gramática da Língua Portuguesa (2003: 282).

<sup>52</sup> *Idem, ibidem.*

### 4.1.1.2. Sujeito argumental explícito

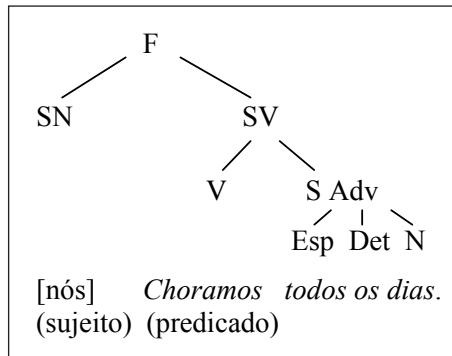
O sujeito argumental está foneticamente expresso na oração. Pode ser simples ou composto, como já foi acima referido:



### 4.1.1.3. Sujeito argumental implícito

O sujeito foneticamente nulo é chamado **sujeito implícito, elíptico<sup>54</sup>, subentendido** ou **desinencial**, antigamente era chamado de **sujeito oculto** ou **determinado<sup>55</sup>**, conceito que foi abolido, por questões técnico-formais e linguístico-gramaticais, passando a prevalecer o uso do termo **sujeito simples desinencial**, uma vez que este pode ser determinado através dos morfemas gramaticais do verbo, situação na qual, para encontrar o sujeito elíptico, usamos a forma pronominal tónica (eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas) equivalente à pessoa verbal.

#### Sujeito desinencial



<sup>53</sup> Abreviação de preposição,

<sup>54</sup> Kury (2002: 22); Cunha, Cintra (1999:128)

<sup>55</sup> *Idem, ibidem.*

Em frases contextualmente ligadas, identificamos o sujeito simples ou pela forma verbal ou pela anáfora directa, como exemplifica o seguinte caso.

*Os pais terminaram a reunião.*      (-) *Foram embora logo em seguida.*  
 ↑-----↓ (eles)

O termo *os pais* é sujeito explícito na primeira frase e desinencial apenas na segunda frase, na qual a forma pronominal reta seria: *eles*.

Observe-se que não se pode confundir o vocativo (expressão de chamamento) com sujeito elíptico. Assim, na oração: „*Querido aluno, leia sempre!*“ (sujeito desinencial não é *querido aluno*, mas sim, „você“ ).

#### 4.1.1.4. Sujeito arbitrário

O sujeito com interpretação arbitrária<sup>56</sup>, denominado, na tradição luso-brasileira, **indeterminado**<sup>57</sup>, é a expressão que não identifica o agente. Podemos dizer que o sujeito é indeterminado quando o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a acção ou por não haver interesse no seu conhecimento. Aparecerá a acção, mas não há como dizer quem a pratica ou praticou.

Há duas maneiras de identificar um sujeito indeterminado:

1. pelo verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência a qualquer agente já expresso em orações anteriores:<sup>58</sup> „*Roubaram-me o carro.*“;
2. pelo verbo na 3ª pessoa do singular na forma reflexiva<sup>59</sup>: „*Precisa-se de livros. Necessita-se de amigos. Aqui, dorme-se muito bem.*“

A expressão: „*Aqui, dorme-se muito bem.*“, pode significar também que *alguém dorme muito bem*, ou *qualquer pessoa dorme muito bem* ou *a gente dorme muito bem*. Ao contrário dos sujeitos desinenciais, substituíveis pelos pronomes pessoais tónicos, no caso do sujeito arbitrário não é possível exprimir, explicitamente, o sujeito.

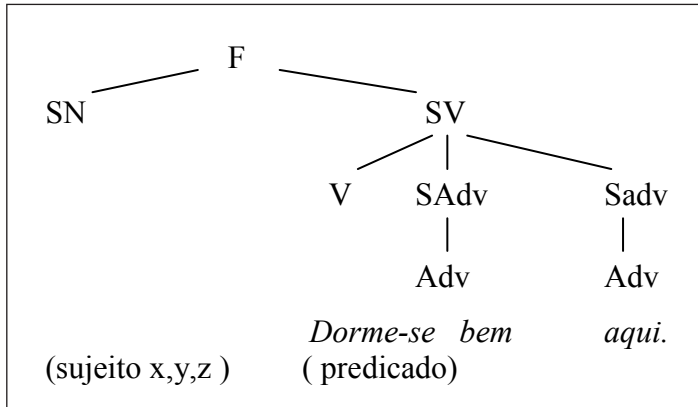
<sup>56</sup> Gramática da Língua Portuguesa (2003: 283).

<sup>57</sup> Kury (2002: 22).

<sup>58</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>59</sup> *Idem, ibidem.*

Sujeito indeterminado

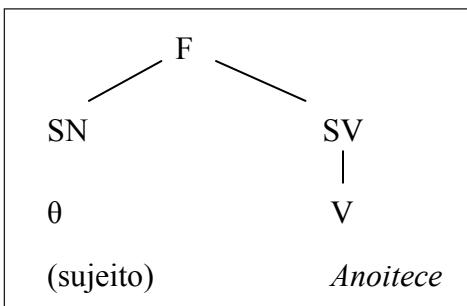


4.1.1.5. *Sujeito inexistente*

O sujeito indeterminado é interpretado, por alguns linguistas, como sujeito inexistente. Não obstante, as orações com o sujeito inexistente, denominadas também **orações sem sujeito**, apresentam um caso distinto: nelas a enunciação concentra-se no predicado, que não se atribui a nenhum ser (nem *a alguém*, nem *a qualquer pessoa*, nem *à gente*, como no caso anterior). Na terminologia moderna, este sujeito é chamado de **expletivo**<sup>60</sup> e ocorre

- com verbos de elevação:  
*Parece que o João já chegou./Trata-se de um problema complexo.*
- em construções existenciais  
*Há três janelas na casa.*
- em construções de carácter impessoal  
*Chove torrencialmente.*

Sujeito inexistente



<sup>60</sup> Gramática da Língua Portuguesa (2003: 282).



Aos verbos impessoais pertencem<sup>61</sup>:

- verbos que exprimem **fenómenos meteorológicos** que indicam fenómenos da natureza tais como: *anoitecer, trovejar, nevar, escurecer, chover, relampejar, ventar*;
- verbos que exprimem o **sentido de existir** (com o verbo *haver*, significando *existir* ou *acontecer*): *Ainda há amigos. Haverá aulas amanhã. Houve um grave incidente no meu apartamento.*;
- verbos que indicam **tempo e clima** como: *ser, fazer, haver, estar, ir, andar e passar*: *Está quente esta noite. Faz dez anos que não o vejo. Faz um calor insuportável.*;
- verbos que indicam o **tempo decorrido**: *anda por aí um mês que..., faz um tempão que, há longos anos que, vai para mais de cinco anos que*, etc.

Destaque-se que existem advérbios que exercem claramente a função sintáctica de sujeito, a qual é própria de substantivos, como mostram os exemplos seguintes, nos quais o sujeito é substituível sempre por um advérbio.

<i>Amanhã é feriado nacional.</i>	<i>(O dia de amanhã é feriado nacional)</i>
<i>Aqui já é Vitória.</i>	<i>(Este lugar é a Vitória)</i>
<i>Hoje é dia de festa.</i>	<i>(O dia de hoje é dia de festa)</i>
<i>Agora já é noite avançada.</i>	<i>(Esta hora é avançada).</i>

### 4.1.2. PREDICADO

O sujeito e o predicado constituem, como já foi várias vezes referido, o sintagma básico. A função de **predicado** é executada por um **predicador**, *i.e.* verbo que tem a capacidade de seleccionar e fazer depender de si complementos (ou argumentos).

Chama-se **predicação verbal** o resultado da ligação que se estabelece entre o sujeito e o verbo e entre os verbos e os complementos.

À excepção do vocativo, tudo o que, na oração bimembre, não é sujeito ou não está no sujeito, constitui o predicado, o qual contém a informação nova para o ouvinte, ou seja o predicado é tudo aquilo que nos traz informações sobre o sujeito e o que é estruturado em torno de um verbo. O predicador concorda sempre em número e pessoa com o sujeito. O núcleo do predicado pode ser um predicador (verbo) significativo, um nome ou os seus equivalentes, ou ambos. Daí a classificação do predicado em vários tipos: **predicado verbal, predicado nominal e predicado verbonominal**.<sup>62</sup>

61 Kury (2002: 24–25).

62 Kury (2002:26); Gramática da Língua Portuguesa (2003: 277–281); Gramática do Português (2013: 1195–1214).

#### 4.1.2.1. Estrutura de predicado

A função do predicado, como já vimos, pode ser desempenhada ou por apenas um verbo pleno (principal) ou por perífrase verbal, composta de um verbo auxiliar e um verbo principal.

O **verbo pleno**, na função do predicado, constitui o núcleo gramatical e semântico do sintagma verbal e de toda a oração, visto que é o elemento que descreve o tipo de situação expresso por ela. O **verbo auxiliar** é, na oração, o elemento que veicula as marcas de concordância com o sujeito, bem como a flexão de tempo, modo e aspecto, chamada flexão *TMA*.<sup>63</sup>

#### 4.1.2.2. Verbos plenos

Os verbos principais classificam-se, de acordo com o tipo de predicação, em transitivos e intransitivos.

**Os verbos intransitivos** são verbos que podem conter em si toda a significação do predicado sem a necessidade de acrescentar qualquer complemento e que podem seleccionar apenas um sujeito, como mostram as seguintes frases: p.ex.: „O João canta.“/“O António dorme.“/“O vidro rachou.“/“O gelo derreteu.“/ „O cão ladra.“/“O rouxinol trina.“

**Os verbos transitivos** são os verbos que requerem o acréscimo de um complemento que integre o sentido do predicado. Classificam-se em: transitivos directos, indirectos, (bi)ditransitivos e transitivos adverbiais.<sup>64</sup>

**Os verbos transitivos directos** são verbos que requerem (ou seja, seleccionam) um sujeito e um complemento com a função sintáctica de complemento directo, como ilustra o seguinte exemplo:

*A Ana comeu o bolo.*

**Os verbos transitivos indirectos** são verbos que seleccionam um sujeito e um complemento indirecto:

*A Ana telefonou para a tia.*

**Os verbos ditransitivos/bitransitivos** ou **biobjectivos** requerem (seleccionam) um sujeito, um complemento directo e um complemento indirecto:

*Dei tudo aos meus amigos.*

<sup>63</sup> Gramática do Português (2013: 1155).

<sup>64</sup> *Idem, ibidem.*

**Os verbos transitivos oblíquos** são verbos que seleccionam um sujeito e um complemento oblíquo:

*A Ana gostou do bolo.*

**Os verbos transitivos predicativos** são os verbos para além do complemento directo, seleccionam um constituinte de natureza predicativa (achar, considerar, eleger, etc.):

*O Manuel achou o filme interessante.*

**Os verbos transitivos adverbiais** são verbos de movimentos ou de situação como, por exemplo, *chegar, partir, ir, seguir, vir, voltar, estar, ficar, morar, etc.*, que pedem um complemento adverbial de lugar que lhes integra o sentido:

*Moramos em Paris.*

#### 4.1.2.3. Verbos auxiliares

Quando o sintagma verbal é composto por um verbo pleno precedido por um verbo auxiliar, forma uma **perífrase verbal** ou **construção perifrástica**<sup>65</sup>.

Aos **verbos auxiliares**<sup>66</sup> pertencem aqueles verbos que servem para a formação de tempos compostos e diáteses: *ter+particípio passado, haver+particípio passado, ser+particípio passado*. O verbo auxiliar *ter* chama-se **auxiliar perfeito**<sup>67</sup>, e o verbo auxiliar *ser* chama-se **auxiliar passivo**.<sup>68</sup>

Existem também **auxiliares temporais**<sup>69</sup>, como *ir+infinitivo, haver de+infinitivo* que formam parte das perífrases verbais futuras que exprimem um momento futuro próximo.

Aos verbos **auxiliares aspectuais**<sup>70</sup> pertencem os verbos que determinam com mais rigor, o momento do processo verbal, indicando, entre outros, os seguintes valores aspectuais:

1. o valor aspectual incoativo que determina o momento inicial de um processo. Estes verbos auxiliares são geralmente chamados **verbos incoativos**<sup>71</sup> e pertencem

65 Gramática do Português (2013: 1221–1223).

66 Kury (2002: 41–44); Gramática do Português (2013: 1221–1280).

67 Gramática do Português (2013: 1225).

68 *Idem, ibidem.*

69 *Idem, ibidem.*

70 *Idem, ibidem.*

71 *Idem, ibidem.*

cem a eles os seguintes verbos: *começar a, deitar a, desatar a, entrar a, passar a, pegar a, pôr-se a, principiar a (+infinitivo)*, etc.;

2. o valor aspectual frequentativo indica o carácter plural do processo ou do estado de coisas que ocorrem um número significativo de vezes. Muitas vezes são usados, com os **verbos frequentativos**<sup>72</sup>, os adverbiais frequenciais como *muitas vezes, frequentemente*, etc... Pertencem a este grupo os seguintes verbos: *costumar, voltar a (+infinitivo)*, etc.;
3. o valor aspectual **conclusivo**<sup>73</sup> e cessativo indica o momento final, que pode ser expresso pelas seguintes perífrases: *acabar de, cessar de, deixar de, parar de (+ infinitivo)*;
4. o valor  **cursivo** ou **durativo**<sup>74</sup> caracteriza os enunciados que estão em curso. Os estados de coisas ou processos em curso podem ser expressos pelas perífrases com infinitivo como são: *estar, andar, ficar (+a+infinitivo/+gerúndio)*;  
Aos verbos auxiliares pertencem também os verbos **auxiliares modais**<sup>75</sup> ou **progressivos**<sup>76</sup> que indicam a modalidade verbal como, por exemplo:
  1. verbos de volição: *desejar, querer, haver de (+infinitivo)*;
  2. verbos que exprimem possibilidade ou capacidade: *poder, ser (+infinitivo)*;
  3. verbos que exprimem necessidade *dever, ter de, ter que (+infinitivo)*;
  4. verbos que exprimem intenção: *procurar, pretender, buscar, tentar (+infinitivo)*;  
consecução: *lograr, vir (+infinitivo)*;
  5. verbos que exprimem a aparência *parecer (+infinitivo)*.

#### 4.1.2.4. Tipos de predicado

##### 4.1.2.4.1. Predicado nominal

O predicado nominal é composto por um núcleo gramatical, e um núcleo lexical. O núcleo gramatical é constituído pelo verbo copulativo<sup>77</sup>, denominado, também, verbo de ligação<sup>78</sup> ou verbo de cópula<sup>79</sup> ou, simplesmente, cópula<sup>80</sup>. O núcleo lexical contém a informação básica e é constituído ou por um nome ou por um adjectivo. Quando o núcleo lexical está no nome, falamos de predicação de base nominal.<sup>81</sup>

72 Kury (2002: 42).

73 *Idem, ibidem.*

74 *Idem, ibidem.*

75 *Idem, ibidem.*

76 *Idem, ibidem.*

77 Kury (2002: 40), Gramática do Português (2013: 1286).

78 *Idem, ibidem.*

79 *Idem, ibidem.*

80 *Idem, ibidem.*

81 Gramática do Português (2013: 1286).

No segundo caso, quando o núcleo lexical está no adjectivo, a predicação é de base adjectival<sup>82</sup>, como ilustram, respectivamente, as duas frases seguintes:

*Ele é professor.*      *x*      *O João é simpático.*

em que os dois núcleos, *professor* e *simpático*, funcionam, na oração, como **predicativos do sujeito**.

As frases que contêm este tipo de predicação, são denominadas **frases copulativas** ou **frases predicativas**.<sup>83</sup>

O predicado nominal composto por um verbo de ligação e um constituinte predicativo é chamado, de acordo com a terminologia moderna, de **dupla predicação**<sup>84</sup>, sendo que além do adjectivo ou da expressão nominal em posição pós verbal, predica-se toda a oração. Nas seguintes frases:

*O miúdo está contente. O miúdo é filho do Pedro.*

*contente* e *filho do Pedro*, na tradição luso-brasileira, são chamados **predicativos**, e na sintaxe generativa são **predicadores secundários**<sup>85</sup> ou **constituintes predicativos secundários**<sup>86</sup>, sendo os verbos copulativos que nelas ocorrem, denominados **predicadores** sintacticamente **primários**<sup>87</sup>. Os predicadores secundários, ou constituintes predicativos, são nestas construções obrigatórios, razão pela qual são denominados **constituintes predicativos seleccionados**.<sup>88</sup>

**Os verbos de ligação** podem exprimir o estado ou condição do sujeito e o tipo de relação temporal aspectual que existe entre o sujeito e o predicativo, ou seja, relação prosódica, estativa, permansiva, durativa e aparente. Assim, os predicadores primários podem ser constituídos pelos seguintes verbos:

- **o verbo prosódico /episódico**<sup>89</sup>, i.e., o verbo *ser*, exprime um estado natural ou habitual, podendo ligar-se ou a um adjectivo (ou o seu equivalente), designando atribuição ou qualificação, ou a um substantivo (ou ao seu equivalente), indicando classificação:

82 *Idem, ibidem.*

83 Gramática do Português (2013: 1297).

84 Gramática da Língua Portuguesa (2003: 278).

85 *Idem, ibidem.*

86 *Idem, ibidem.*

87 *Idem, ibidem.*

88 *Idem, ibidem.*

89 Gramática do Português (2013: 1305).



#### 4.1.2.4.2. Predicado verbal

O predicado verbal<sup>96</sup> ou predicaco de base verbal<sup>97</sup>, tem como núcleo um verbo pleno, de significaco precisa, que pode existir isolado ou numa locuco verbal. Neste tipo de predicaco verbal distinguimos verbos principais e verbos auxiliares. Os verbos principais so portadores do significado lexical da predicaco, enquanto que os verbos auxiliares servem para formar os tempos compostos, a diátese passiva e, também, para exprimir os valores aspectuais do verbo principal. De acordo com a sua estrutura argumental, como já foi referido, os verbos principais na funo do predicado verbal classificam-se em: verbos intransitivos e transitivos.

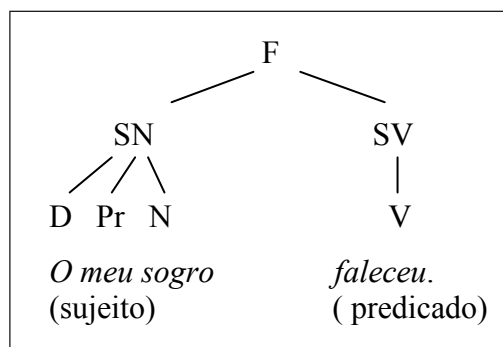
##### 4.1.2.4.2.1. Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos são verbos que podem conter em si toda a significaco do predicado sem a necessidade de acrescentar qualquer complemento. Os verbos intransitivos simples podem seleccionar apenas um sujeito, como mostram as seguintes frases: „O João caiu.“/“O Antnio adormeceu.“/“O vidro rachou.“/“O gelo derreteu.“/“O cão ladra.“/“O rouxinol trina.“

Estes verbos são também denominados **verbos de uso absoluto**.<sup>98</sup>

Entre os verbos intransitivos contam-se:<sup>99</sup>

- verbos de fenmenos naturais ou acidentais: *chover, ventar, nascer, morrer, acontecer, ocorrer, cair, surgir, acordar, dormir, brilhar, girar, etc.*;
- certos verbos de aco que exprimem factos causados por um agente, capaz de os executar: *ler, brincar, trabalhar, correr, voar, etc.*;
- verbos de movimento ou situao: *chegar, parir, seguir, vir, morar, etc.*



<sup>96</sup> Kury (2002:20).

<sup>97</sup> Gramática do Português (2013: 357).

<sup>98</sup> Gramática do Português (2013: 1207).

<sup>99</sup> Kury (2002: 28–29).

Alguns verbos que são originalmente intransitivos, ocorrem, em certos contextos, com um complemento indirecto ou oblíquo. Concomitantemente, podem ser classificados do seguinte modo:

**Verbos intransitivos com um complemento indirecto**<sup>100</sup> co-ocorrem com um complemento indirecto. Pertencem a eles verbos como: *acudir, agradecer, bastar, constar, faltar, obedecer, perdoar, sobreviver*, como exemplificam os seguintes casos:

*Faltou-lhe o interesse pelo trabalho.*

*A enfermeira acudiu ao paciente.*

*Sobrevivemos à catástrofe.*

*Perdoei ao meu amigo.*

**Verbos intransitivos com complemento oblíquo**<sup>101</sup> são verbos intransitivos que, ocorrem com complemento oblíquo preposicionado, como por exemplo: *assistir, chegar, depender, entrar, faltar* (no sentido de estar ausente), *morar, partir, recorrer, sair* ou não preposicionado, como *custar, durar, medir e pesar*, como ilustram os seguintes exemplos:

*A menina faltou às aulas.*

*Isso depende do teu pai.*

*Ele partiu para Roma.*

*O concerto durou duas horas.*

*A nova Gramática do Português custou 70 euros.*

Os verbos intransitivos não têm todos uma estrutura argumental em que o sujeito é argumento independente (ou externo). Esses verbos, de acordo com o tipo de sujeito que seleccionam, dividem-se em verbo **inergativos e inacusativos**.<sup>102</sup>

Entre os **verbos inergativos** contam-se os verbos como *assobiar, bocejar, brincar, buzinar, dançar*, etc. (*O menino brincou*). Os **verbos inacusativos (ergativos)** são, por exemplo: *adormecer, desaparecer, desmaiar, morrer, nascer*, o sujeito é um argumento interno, não facultativamente seleccionado. Enquanto o sujeito dos verbos inergativos tem um argumento análogo ao do sujeito dos verbos transitivos, o sujeito final dos verbos inacusativos partilha propriedades significativas com o complemento directo dos verbos transitivos:

100 Gramática do Português (2013: 1197).

101 *Idem, ibidem*.

102 Gramática do Português (2013: 1199), Gramática da Língua Portuguesa (2003: 446).



- a) Enquanto o sujeito dos verbos inergativos não admite construções com participio absoluto, o sujeito dos verbos inacusativos, tal como o complemento directo, admite-o: Assim as seguintes frases são insubstituíveis pelo participio absoluto, como ilustram os seguintes casos:<sup>103</sup>

*O João trabalhou. O João reviu o trabalho. / \*Trabalhado o João. \*Revisto o João.*<sup>104</sup>

Em contrapartida, as duas seguintes frases são inacusativas (ergativas), uma vez que admitem as versões com o participio absoluto:

*O João chegou. O João reviu as prova./ Chegado o João. Revistas as provas.*<sup>105</sup>

- b) Enquanto as formas participiais de verbos inergativos não podem ocorrer nem em construções com verbos predicativos nem em construções atributivas, as formas participiais de verbos inacusativos, à semelhança das formas participiais de verbos transitivos, podem. Assim resultam agramaticais as construções.<sup>106</sup>

*\*o rapaz está rido/ \*o rapaz rido, etc.*<sup>107</sup>

Ao contrário, são gramaticais construções como, p.ex.: *o rapaz desmaiado, a janela fechada* ou as frases:

*O rapaz está desmaiado. A janela está fechada.*<sup>108</sup>

- c) Enquanto os verbos inergativos podem ser a base das derivações deverbativas nominais terminadas em *-or*, os verbos inacusativos não o podem ser (*correr-corredor, trabalhar-trabalhador, construir construtor, informar-informador*). Por outro lado, as formas como *\*chegador (de chegar), \*desmaiador (de desmaiar)*, não são possíveis.<sup>109</sup>

103 *Idem, ibidem.*

104 *Idem, ibidem.*

105 *Idem, ibidem.*

106 *Idem, ibidem.*

107 *Idem, ibidem.*

108 *Idem, ibidem.*

109 *Idem, ibidem.*

4.1.2.4.2.2. Verbos transitivos

Os verbos transitivos<sup>110</sup> são os verbos que requerem o acréscimo de um complemento que integre o sentido do predicado. Classificam-se em: transitivos directos, indirectos, (bi)ditransitivos e transitivos adverbiais.

Os verbos transitivos directos são verbos que requerem (ou seja, seleccionam) um sujeito e um complemento com a função sintáctica de complemento directo, o qual integraliza o sentido do predicado. O complemento directo pode ser um grupo nominal substituível pelo pronome clítico *o(s)* e *a(s)*, por exemplo:

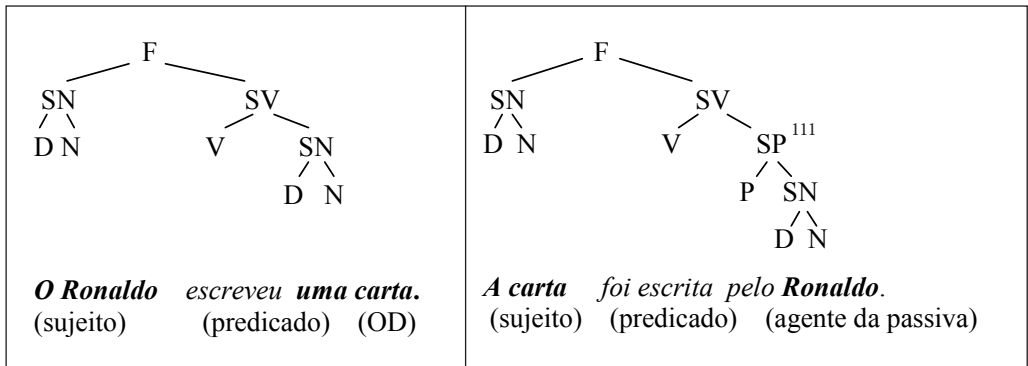
*O Ronaldo escreveu uma carta./ O Ronaldo escreveu-a.*

Os verbos transitivos directos habitualmente exprimem acção e, por isso, têm um agente, que na voz activa é o sujeito da oração. O complemento directo exerce a função de receptor de uma acção praticada pelo agente da passiva. Na voz passiva, o complemento do verbo transitivo directo é o *sujeito*; já na voz activa esse complemento é o *objecto directo*.

Voz activa

---►

voz passiva



Assim, nas frases:

*O Ronaldo escreveu uma carta.* ---► *A carta foi escrita pelo Ronaldo.*

o predicado é representado pelo verbo *escrever* na 3ª pessoa do singular, no tempo pretérito perfeito simples e na voz activa, o sujeito explícito simples é *o Ronaldo*, e o complemento verbal é *a carta*. Depois da transição do verbo para

110 Kury (2002: 29–33).

111 Às vezes, o SN introduzido por uma preposição, é abreviado em SNp.

a voz passiva, *o Ronaldo*, passa a exercer a função de agente da passiva, e *a carta*, a função de sujeito.

Este é o sentido etimológico de transitividade. Os gramáticos latinos denominavam como „transitiva“ qualquer oração que podia transformar-se, ou „transitar-se“ para a voz activa, e, por extensão de significado, transitivo era aquele verbo que funcionava como predicado entre o agente e o paciente.

**Os verbos transitivos indirectos**<sup>112</sup> são verbos que seleccionam um sujeito e um complemento indirecto/preposicional/adverbial, isto é, o grupo preposicional que pode ser substituído por um pronome pessoal na forma dativa:

*A Ana telefonou para a tia./A Ana telefonou-lhe.*

O complemento é regido obrigatoriamente pela preposição *a* (eventualmente *para*) sem o valor circunstancial, o que impede que os verbos transitivos indirectos sejam transitados para a voz passiva analítica. Assim, resultam agramaticais as seguintes transitividades:

*O Ronaldo telefonou à Maria. ---► \*A Maria foi telefonada pelo Ronaldo.*

É de apontar que a preposição *a/para* pode introduzir seja um complemento indirecto seleccionado seja um adjunto adverbial. No primeiro caso, a preposição tem um valor gramatical (formal) sem valor significativo como mostra a seguinte frase:

*Telefonei à Maria.;*

enquanto que, no segundo caso, a preposição tem um valor lexical circunstancial de localização espacial (direcção *aonde/para onde*):

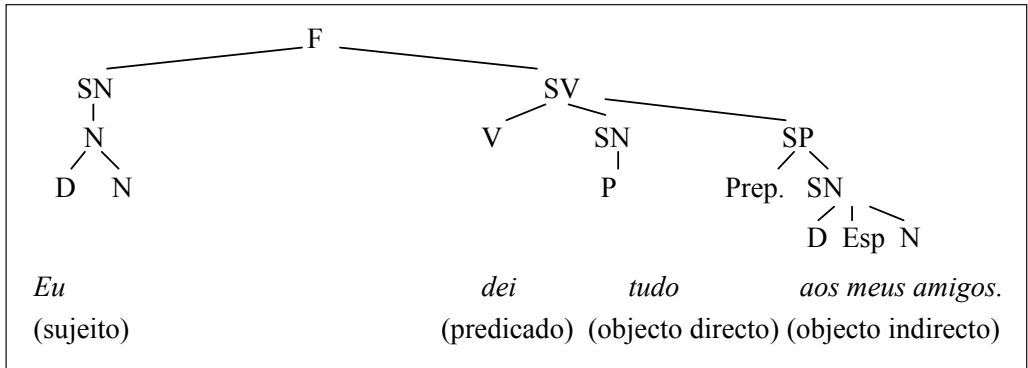
*Viajarei para o Porto. Irei a Portugal.*

**Os verbos transitivos directos e indirectos simultaneamente** são denominados, também, como ditransitivos ou biobjectivos. Este tipo de verbos requerem (seleccionam) um sujeito, um complemento directo e um complemento indirecto/preposicional/adverbial. Na frase:

*Eu dei tudo aos meus amigos.*

112 Kury (2002: 29–33).

o predicado é o verbo *dar*, *aos meus amigos* é complemento indirecto substituível por *lhes*, e *tudo* é complemento directo:



Os verbos transitivos com complemento oblíquo são verbos que além do complemento directo seleccionam um ou mais complementos oblíquos. Pertencem a estes verbos, por exemplo, os seguintes: *acusar, afastar, colocar, confundir, impedir, obrigiar, proibir*, etc.:<sup>113</sup>

*A professora confundiu o João com o Pedro.*

Os verbos transitivos adverbiais<sup>114</sup> são verbos de movimentos ou de situação como, por exemplo: *chegar, partir, ir, seguir, vir, voltar, estar, ficar, morar*, etc., que pedem um complemento adverbial de lugar que lhes integra o sentido. Estes verbos, embora tradicionalmente classificados como intransitivos, devem ser considerados como transitivos, desde que se entenda por transitividade a necessidade de um complemento sem o qual o sentido do verbo, a ideia principal, resultaria incompletamente expressa. Estes verbos são denominados também como “**verbos adverbializados**” ou, “**transitivos adverbiais**”. Segundo a tradição latina, contudo, não são classificados como transitivos.

#### 4.1.2.4.2.3. Voz verbal/diátese

Voz verbal, em linguística, refere-se à relação entre o sujeito e o verbo sob o aspecto de quem recebe e quem pratica uma ação.<sup>115</sup> Na maioria dos verbos transitivos da língua portuguesa, o sujeito (na voz activa) é a entidade que exerce ou desencadeia

113 *Idem, ibidem.*

114 *Idem, ibidem.*

115 Abaurre, Maria Luiza; Pontara, Marcela Nogueira; Fadel, Tatiana. (2005: 216).

uma acção, e o objeto directo é uma entidade que sofre passivamente algum efeito da acção.

Na tradição luso-brasileira, o termo voz é utilizado num sentido mais morfológico-flexional, enquanto que o termo diátese envolve, também, os processos léxico-sintácticos. Recentemente, o conceito de diátese tem sido considerado como mais geral do que a voz.<sup>116</sup>

Há três vozes verbais na língua portuguesa: **a voz/diátese activa**<sup>117</sup>, na qual a ênfase recai na acção verbal praticada pelo sujeito; **a voz/diátese passiva**<sup>118</sup>, cuja ênfase é a acção verbal sofrida pelo sujeito; e **a voz/diátese reflexiva**<sup>119</sup>, em que a acção verbal é praticada e sofrida pelo sujeito. As orações que têm o verbo na voz activa, chamam-se **orações activas**<sup>120</sup>, enquanto que as que têm o verbo na voz passiva, chamam-se **orações passivas**<sup>121</sup>.

**Na voz/na diátese activa** o sujeito exerce a função de agente da acção e o agente da passiva não existe. Para completar o sentido do verbo na voz activa, este verbo conta com outro elemento – o objecto (directo). A voz activa contém um verbo finito sintético ou na perífrase (locução) verbal.

**A voz / diátese passiva** é a forma ou flexão em que se apresenta o verbo transitivo directo para indicar a relação que há entre ele e o sujeito. A voz passiva pode ser formada **analítica** ou **sinteticamente** e pode ocorrer em vários tipos de orações. Às orações passivas formadas analiticamente pertencem: a **oração passiva verbal**<sup>122</sup> que descreve tipicamente eventos e não estados (às vezes é denominada como passiva eventiva), **oração passiva resultativa**<sup>123</sup> que descrevem uma situação que é resultado de uma mudança de estado, lugar ou posse, e **oração passiva estativa**<sup>124</sup> que descreve situações estativas. As orações formadas sinteticamente são denominadas **orações passivas pronominais**<sup>125</sup>.

116 Gramática do Português I (2013:431–432).

117 Kury (2002: 33); Gramática do Português (2013: 435).

118 Kury (2002: 33); Gramática do Português (2013: 435).

119 Kury (2002: 38); Gramática do Português (2013: 448).

120 Gramática do Português (2013: 432).

121 Gramática do Português (2013: 448).

122 Gramática do Português (2013: 436).

123 Gramática do Português (2013: 440).

124 Gramática do Português (2013: 443).

125 Gramática do Português (2013: 444).

4.1.2.4.2.4. Orações passivas verbais

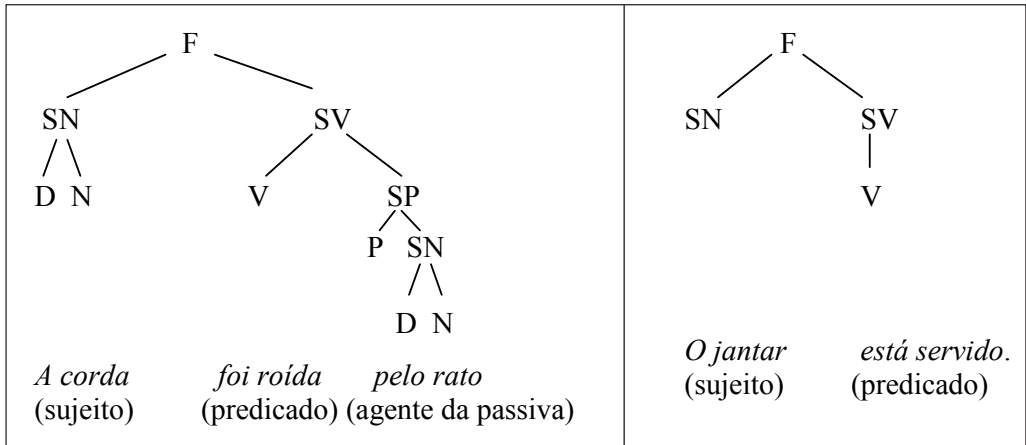
As orações passivas verbais são formadas através do recurso de um verbo auxiliar (*ser, estar, ficar, resultar, etc.*) e costuma ocorrer nelas o agente da passiva, apesar de ser este um termo de presença facultativa na oração:

*Cercaram a cidade.* ---► *A cidade está cercada.*, ---► *A cidade está cercada pelos inimigos.*

As orações passivas em que ocorre o agente da passiva chamam-se **passivas longas**.<sup>126</sup> As orações passivas que não têm o agente da passiva, são denominadas **passivas curtas**.<sup>127</sup>

Oração passiva verbal longa

Oração passiva verbal curta



O sujeito nas orações passivas pode ocorrer em posição pré-verbal ou pós-verbal. Quando é realizado na posição canónica<sup>128</sup> pré-verbal, a oração chama-se **passiva pessoal**<sup>129</sup>, como ocorre na seguinte frase cuja contrapartida activa tem um sujeito implícito:

*Os livros já foram enviados ao júri. / Enviaram os livros ao júri.*

Quando ocorre em posição pós-verbal, em especial se for uma expressão inde-

126 Gramática do Português (2013: 439).

127 *Idem, ibidem.*

128 A posição canónica significa posição que é típica ou habitual.

129 *Idem, ibidem.*

finida, as orações são chamadas **passivas impessoais**<sup>130</sup>, como se vê na seguinte frase, cuja contrapartida activa tem um sujeito indeterminado:

*Foi dita muita coisa / Disseram muita coisa. (sujeito - a gente, as pessoas).*

Há orações passivas que descrevem uma situação que é o resultado de uma mudança de estado, lugar ou posse. Estas orações são denominadas por alguns linguistas como **passivas resultativas**<sup>131</sup> e neste tipo de orações ocorre tipicamente o verbo *ficar*, como mostram os seguintes exemplos:

*A vítima do assalto ficou ferida em consequência do tiroteio.*

Este tipo de orações não ocorrem com o verbo auxiliar *estar* nem com o agente da passiva.<sup>132</sup>

Nas orações passivas resultativas podem ocorrer, igualmente, formas de participios irregulares que foram recategorizadas na história da língua portuguesa como adjectivos. Estes adjectivos podem co-existir com o participio. Na terminologia clássica são denominadas **orações passivas adjectivais**.<sup>133</sup>

As orações passivas resultativas adjectivais, contudo, não ocorrem com o agente:

*O caldo ficou perfumado e saboroso.*

*\*O caldo ficou perfumado e saboroso pelo cozinheiro.*

As orações passivas resultativas podem ser construídas, também, com o verbo *estar*:

*O jantar já está servido. / O problema já está resolvido.*

Existem também as chamadas **orações passivas estativas**<sup>134</sup> que descrevem situações estativas, mas cujo significado não contém qualquer componente eventiva relacionada com a mudança de estado. Nas orações passivas estativas o verbo auxiliar pode ser o predicado estável *ser* quando denota propriedades estáveis dos indivíduos, ou o predicado episódico *estar*, que denota propriedades transitórias dos indivíduos, como se pode observar no exemplo:

130 Gramática do Português (2013: 443).

131 *Idem, ibidem.*

132 Gramática do Português (2013: 430–450)

133 Gramática do Português (2013: 442).

134 Gramática do Português (2013: 443).

*Este autor é muito conhecido./ O jornalista está irritado.*

O agente da passiva nas orações passivas, quando ocorre, é mais comumente introduzido pela preposição *por* (e suas variantes: *pelo, pela, pelos, pelas*). É possível, no entanto, encontrar construções em que o agente da passiva é introduzido pelas preposições *de* ou *a*. Nas seguintes frases, o agente da passiva está sublinhado:

*O hino será executado pela orquestra sinfónica.*

*O jantar foi regado a champanhe.*

*A sala está cheia de gente.*

Nem todos os verbos transitivos directos, entretanto, podem construir-se na voz passiva analítica. Alguns, porque já possuem um sentido passivo (como, por exemplo, *aguentar, sofrer*, etc), outros pelo uso da língua que não obedece a normas fixas (*ter, conter, querer, poder, crer*, etc).

#### 4.1.2.4.2.5. Orações passivas pronominais

As orações passivas pronominais pertencem ao tipo de orações com diátese passiva formada através do pronome átono da 3ª pessoa *se*, sem qualquer verbo auxiliar ou morfologia verbal especial no verbo pleno. Nestas orações o verbo ocorre sempre na 3ª pessoa e concorda em número com o sujeito. Nestas frases não ocorre nunca o agente da passiva, como exemplifica o seguinte caso:<sup>135</sup>

*Verificou-se uma maior frequência de uso do género masculino da palavra componente.*

As orações passivas pronominais partilham, com as passivas verbais curtas a propriedade de terem um agente indeterminado. Ao mesmo tempo, muito frequentemente, o sujeito destas orações é pós-verbal, como ilustra o seguinte caso:

*Já se publicaram novos manuais segundo o Novo Acordo.*

Estas orações podem, contrariamente às orações passivas verbais e resultativas, ocorrer em frases imperativas, por exemplo:

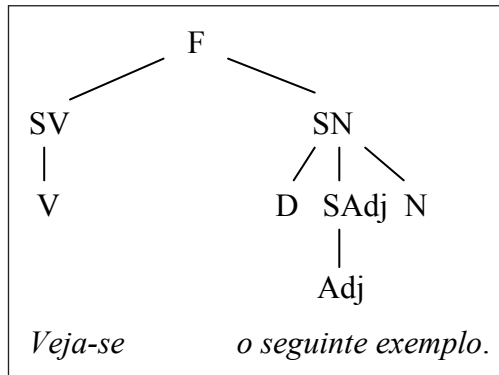
*Veja-se os seguintes exemplos.*

*Apresentem-se testemunhas.*

135 Gramática do Português (2013: 444).



Observem-se as seguintes frases.



As orações passivas pronominais são construções aproximáveis de orações impessoais, mas diferem deles por poderem ser parafraseadas pelas frases com o sujeito genérico:

*Diz-se que vão aumentar impostos. /As pessoas dizem que vão aumentar os impostos.*

#### 4.1.2.4.2.6. Orações passivas reflexas

A voz/ a diátese reflexa, também denominada como **voz reflexiva propriamente dita**<sup>136</sup>, ocorre em construções em que o predicado é representado por um verbo transitivo e cujo sujeito e complemento directo representa a mesma entidade extralinguística, ou seja, são co-referentes. Na frase:

*O João penteou-se.*

*o João* é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da acção. O marcador de reflexividade, usado em português, é o pronome pessoal do paradigma dos pronomes reflexos (*me, te, se nos, vos, se*) que concorda em pessoa e em número, com o sujeito.

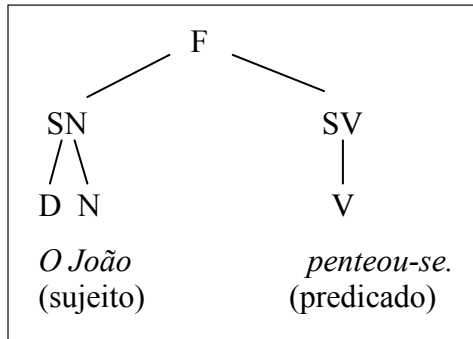
*Eu vi-me no espelho.*

Contrariamente às orações transitivas activas, as orações com diátese reflexa não admitem alternativas passivas: Assim, resultará agramatical a seguinte frase:

*\*O João foi penteado por si mesmo.*

<sup>136</sup> Kury (2002: 38); Gramática do Português (2013: 442).

Aceitam a diátese reflexa verbos transitivos directos que denotam acções sobre o corpo, como, *arranjar, banhar, barbear, calçar, depilar, lavar, maquilhar, pentear, pintar e veristir*. Trata-se de verbos transitivos directos que admitem um complemento directo com um referente distinto do do sujeito: p.ex.: *Eu penteiei o João.*



Também os verbos que denotam mudança de postura do corpo como *curvar, deitar, erguer, estender, esticar, sentar, voltar*, etc. podem ocorrer com o marcador de reflexividade, não obstante, não podem ocorrer com o objecto pleonástico constituído pelo pronome tónico reflexo seguido de uma das formas adjectivais anaforizantes: *próprio ou mesmo*. Assim, resultaria agramatical a frase:

\*A Joana deitou-se a si mesma/a si própria.

\*As crianças sentaram-se a si mesmas/a si próprias.

Estas orações não são consideradas orações reflexas, mas sim **pseudo-reflexas**.<sup>137</sup> Na tradição luso-brasileira são denominadas **orações com voz medial dinâmica**.<sup>138</sup>

O último caso de reflexividade ocorre nos verbos que nunca se conjugam sem o pronome reflexivo: *queixar-se, arrepende-se, orgulhar-se, atrever-se, lembrar-se*, etc. De acordo com a nomenclatura luso-brasileira, este caso é denominado **voz medial pronominal**.<sup>139</sup>

#### 4.1.2.4.3. Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal é **constituído por um tipo de verbo transitivo nominal**, possuindo dois núcleos significativos: um verbo e um constituinte predicativo cuja omissão, contudo, nem sempre afecta a gramaticalidade nem a coerência semântica, como exemplifica o seguinte caso:

<sup>137</sup> Gramática do Português (2013: 449).

<sup>138</sup> Kury (2002:39).

<sup>139</sup> *Idem, ibidem*.

*A Maria viajou para Paris irradíssima com os filhos.*

*A Maria viajou para Paris (-) (-) (-).*

Por outro lado, há verbos que necessitam ter um consituente predicativo, como *considerar*, *achar*, entre muitos outros.

*A Maria considera o João inteligente.*

*Eu achei o livro interessante.*

Os constituintes predicativos são denominados como **constituintes predicativos adjuntos**.<sup>140</sup>

Do ponto de vista de transitividade, é possível considerar, de acordo com as concepções modernas, os predicadores na função do predicado verbo-nominal como **verbos transitivos predicativos** sendo que, para além do complemento directo, seleccionam um constituinte de natureza predicativa (*achar*, *considerar*, entre outros): p.ex: *Achei o festival giro*. *Os alunos saíram da aula alegres*.

Nestas construções existem dois domínios de predicação, em que a primeira predicação existe entre o sujeito e o predicador sintáctica e semanticamente primário (verbo pleno *sair/achar*) e a segunda entre o predicador fictício (não expresso) que selecciona como seu complemento o constituinte predicativo adjunto *alegre/giro*. Assim, as frases citadas poderiam ser desdobradas em duas, cada uma das quais tem a sua própria predicação, sendo as frases sublinhadas consideradas como **orações pequenas**<sup>141</sup>:

*Os alunos saíram da aula alegres.* = *Os alunos saíram da aula.* + *Estavam alegres.*  
*Achei o festival giro.* = *Fui o festival.* + *O festival foi giro.*

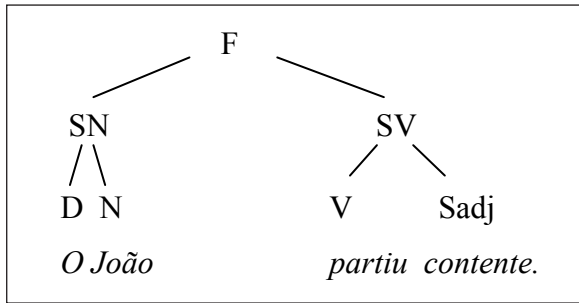
O predicado verbo-nominal, concomitadamente, apresenta dois núcleos: um verbo (*saíram/achei*), que indica uma acção praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (*alegres/giro*), que indica o estado do sujeito ou do objecto no momento em que se desenvolve o processo verbal.

Quanto à estrutura, o predicado verbo-nominal pode ser formado de três formas diferentes:

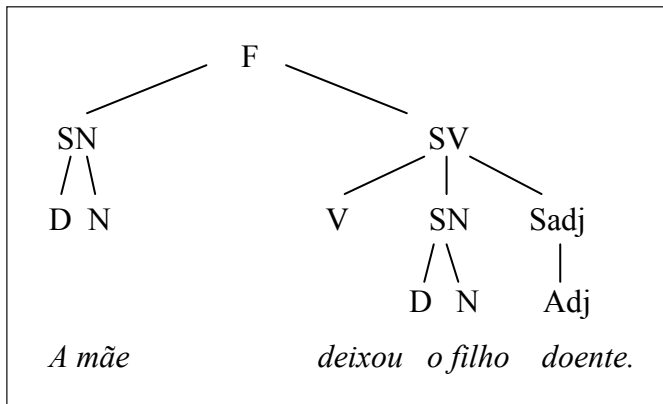
140 Gramática da Língua Portuguesa (2003: 277–281).

141 *Idem, ibidem.*

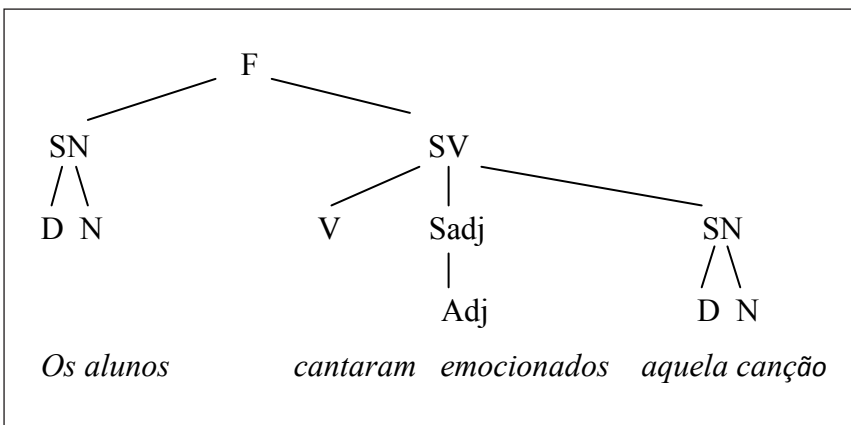
1. sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito



2. sujeito + verbo transitivo + objecto directo + predicativo do objeto



3. sujeito + verbo transitivo + predicativo do sujeito + objecto directo



O predicativo do objecto, normalmente, refere-se ao objecto directo. Existe, também, predicativo do objecto indirecto, mas este só se restringe a um único caso: ao verbo *chamar*, precedido de preposição. Por exemplo:

*Todos o chamam de irresponsável.*

(o =objecto directo; irresponsável=predicativo do objecto directo)

*Chamou-lhe ingrato.*

(lhe=objecto indirecto, ingrato= predicativo do objecto indirecto)

#### 4.1.2.5. *Seleccção dos argumentos*

Dentro do sintagma verbal, o verbo combina-se com os termos integrantes, os quais integram, ou completam o sentido e sem os quais o predicador não poderia formar uma frase semanticamente coerente e completa. Assim, por exemplo, na frase: p.ex.: “*Eu vou lavar os dentes.*”, o verbo *lavar*, na função do predicado, combina-se com o argumento externo representado por *eu* e com um argumento interno *os dentes* sem o qual o verbo *lavar* não formaria nenhuma frase. A relação semântica estreita que existe entre um predicador e os seus argumentos chama-se **selecção**.<sup>142</sup> Assim diz-se que um predicador **selecciona os seus argumentos**.<sup>143</sup>

Aos termos intergrantes, i.e. seleccionados pertencem os seguintes: **complemento directo, indirecto e complementos oblíquos, complemento adverbial e agente da passiva**. O nome deverbativo pode também seleccionar os seus complementos. Neste caso falamos dos **complementos nominais**.

O número de argumentos seleccionados por um predicador chama-se **enaridade**<sup>144</sup> do predicador ou **valência**. Nas línguas humanas, a maioria dos predicadores seleccionam de 1 a 3 complementos verbais. De acordo com o número de argumentos que o predicador selecciona, dividimos os predicadores em: predicadores de **zero lugares**<sup>145</sup>, de **um lugar**<sup>146</sup> (predicadores unários), de **dois lugares** (predicadores binários), de **três lugares**<sup>147</sup> (predicadores ternários) e de **quatro lugares**<sup>148</sup> (predicadores quaternários).

Entre os **predicadores de zero lugares** contam-se todos os verbos que denotam fenómenos de natureza que têm a ver com o tempo ou com as partes do dia: *ama-*

142 Gramática do Português (2013:361).

143 *Idem, ibidem.*

144 Gramática do Português (2013:362).

145 *Idem, ibidem.*

146 Gramática do Português (2013:363).

147 *Idem, ibidem.*

148 *Idem, ibidem.*

*nhecer, anoitecer, chover, escurecer, nevar, relampejar, trovejar*, etc. Estes predicadores são auto-suficientes, porque podem, só por si, constituir uma oração. Não admitem nem sujeito nem nenhum complemento verbal, salvo alguns casos, em que podem ocorrer num sentido figurativo (como, por exemplo: *Chovem mil palavras...*)

Entre os **predicadores de um lugar (predicadores unários)** contam-se verbos que admitem sujeito, mas não seleccionam argumentos integrantes: *adormecer, dançar, desmaiar, espirrar, explodir, ladrar, morrer, nascer*. Relembre-se que também nomes e adjectivos podem fazer parte do predicado nominal (predicação secundária). Assim sendo, adjectivos como *triste, grande, esperto* e nomes de profissão como *médico* e *pedreiro*, pertencem também a este grupo: p.ex.: "*O menino nasceu.*" / "*Sou professora.*" / "*Ele é simpático.*"

Os predicadores que seleccionam dois argumentos, chamados **predicadores de dois lugares (predicadores binários)**, incluem a grande maioria dos verbos: *amar, assustar, coser, detestar, ler pensar, temer, visitar, votar*, p.ex.: "*Nós concordamos com este projecto.*" / "*Eu li o jornal.*"

Também nomes como *amigo, irmão, pai*, ou adjectivos como *contente, fiel, interessado* pertencem aos predicadores relacionais seleccionando um argumento: *contente com o trabalho, interessado no trabalho, fiel ao António, amigo do João.*

Os **predicadores de três lugares (predicadores ternários)** incluem os verbos ditransitivos. Entre estes predicadores contam-se verbos como *dar, entregar, pôr*, entre muitos outros, por exemplo: "*A Joana deu um livro à Maria.*" / "*O Pedro colocou o livro na pasta.*" / "*(Nós) entregámos os trabalhos à professora.*"

Os predicadores de enaridade maior que três são apenas **predicadores de quatro lugares (predicadores quaternários)**. A este grupo de verbos pertencem os verbos que denotam movimento como, por exemplo, *atirar, levar, passar, transferir, trazer*, ou transacções como, por exemplo, *comprar, trocar, pagar, vender*, p.ex.: "*O Pedrinho trouxe a bola do jardim para a rua.*" / "*A Isabel comprou um livro ao Luís por vinte escudos.*"

## 4.2. TERMOS INTEGRANTES

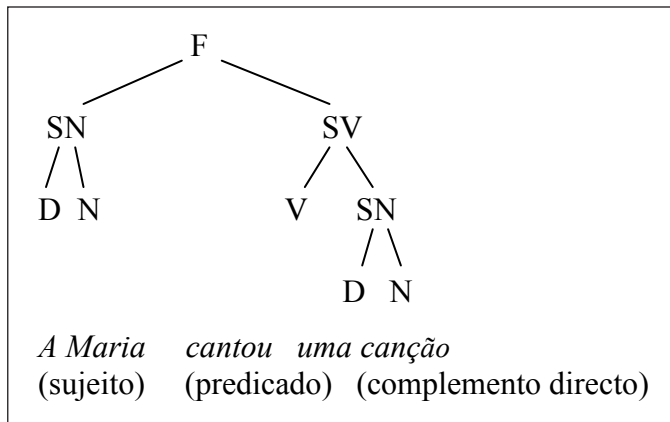
### 4.2.1. Complemento directo

Chama-se complemento directo ao constituinte da oração que integra o sentido de um verbo transitivo directo, exprimindo o ser para o qual se dirige a acção. Os

verbos que seleccionam um argumento com a função de complemento directo são **verbos transitivos** e as frases que contêm um complemento directo são denominadas **frases (orações) transitivas**.

O complemento directo não é introduzido tipicamente por uma preposição e pode exprimir-se por meio de:

- um sintagma nominal: "*Comi um bolo.*",
- uma oração subordinada finita: "*Digo que não posso ir ao cinema.*";
- uma oração infinitiva: "*Diz estarem esgotados os bilhetes.*";
- pronome pessoal oblíquo átono: (*me, te, nos, vos, os, as, o, a*), o qual pode substituir, ao mesmo tempo, o sintagma nominal na função do objecto directo. "*Comi-o.*" / "*Digo-o.*" / "*Di-lo.*";
- pelo pronome interrogativo *o que, que, quem, eventualmente, a quem*, tendo a preposição um valor estilístico expressivo: "*O que compraste*" / "*Quem encontraste ontem*?" Assim as respostas na forma nominal funcionam como objectos directos: "*Comprei um livro.*" / "*Encontrei o João.*"



O complemento directo de uma oração transitiva corresponde tipicamente ao sujeito de uma frase na voz passiva:

*O Zeca Afonso compôs a canção Grândola Vila Morena [objecto directo].  
 A canção Grândola Vila Morena [sujeito] foi composta pelo Zeca Afonso.*

Apenas os verbos cujo sujeito é o agente (*O Zeca Afonso*) e o objecto um paciente ou tema (*canção*) admitem a transição para as versões passivas. Caso o sujeito seja um possuidor, esta transição resulta impossível (*Temos um filme novo.*

\* *O filme é tido por nós*).

Existem verbos que, formalmente, poderiam ser interpretados como transitivos e o seu argumento como o complemento directo. Trata-se dos verbos *custar*, *durar*, *medir*, *pesar*:<sup>149</sup>

*A reunião durou duas horas.*  
*O Joãozinho mede já um metro.*  
*A filha do Zé já pesa 6 quilos.*

Estas frases, contudo, não manifestam as mesmas características típicas de um complemento directo, ou seja não são substituíveis pelos clíticos acusativos, nem podem ocorrer com o sujeito de uma frase passiva, nem respondem a uma pergunta iniciada pela locução interrogativa *o que*. Estas expressões são chamadas **complementos oblíquos não preposicionados**.<sup>150</sup>

Os verbos *medir* e *pesar*, no entanto, podem ser passivizados, podem seleccionar um objecto directo na forma do pronome clítico acusativo: e também podem conter respostas às perguntas:

*A avó mediu a criança em casa. / A criança foi medida pela avó. / A avó mediu-a.*  
*O carnicheiro pesou as costeletas. / As costeletas foram pesadas pelo carnicheiro /*  
*O carnicheiro pesou-as.<sup>151</sup>;*  
*A quem mediu a avó. O que pesou o carnicheiro?*

A posição típica (canónica) do objecto directo na oração é imediatamente à direita do verbo, antecedendo os restantes complementos: *O Pedro colocou o livro na mesa*. Esta ordem canónica do complemento directo ocorre tipicamente em contextos informativos neutros. No entanto, o complemento directo pode também sofrer alterações: por exemplo, surge à direita do complemento indirecto se este for um pronome clítico ligado ao verbo ou também na forma complexa contraída dos dois complementos, o clítico acusativo surge depois do dativo, p.ex.: *”Dei-lhe o dinheiro.” / ”Dei-lho.”*

O complemento directo surge à direita do indirecto também no caso em que se exprime por um sintagma nominal mais longo do que os outros complementos ou adjuntos da frase:

*Disse-lhe que não estou em casa.*

149 Gramática do Português (2013: 368).

150 *Idem, ibidem.*

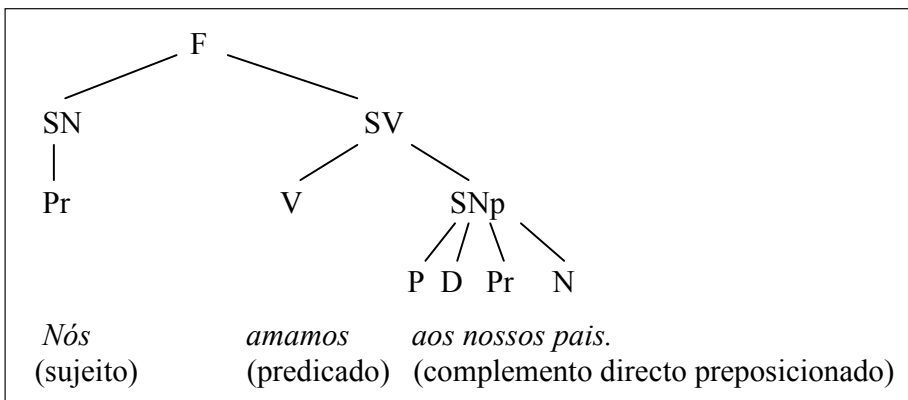
151 *Idem, ibidem.*



*Levei para casa o jogo do Monopólio que a Ana me ofereceu.*

Como já foi referido no início deste capítulo, o complemento directo não é introduzido por uma preposição. No entanto, existem contextos especiais em que um complemento directo é introduzido pela preposição *a*. Nestes casos, o complemento directo é denominado **complemento directo preposicionado**<sup>152</sup>, tem sempre um traço humano e ocorre nos seguintes contextos:

- A preposição *a* ocorre obrigatoriamente com o complemento directo quando este é um pronome oblíquo tónico que acompanha um pronome clítico e tem um efeito estilístico enfático: *Conheço-os a eles*. As formas *os* e *eles* têm o mesmo referente. A frase neutra equivalente à sua contrapartida enfática é utilizada sem o pronome tónico enfático: *Conheço-os*. Contudo, é impossível a substituição do pronome clítico pelo pronome tónico nestas frases. Assim, resultaria agramatical a frase \**Conheço a eles*:
- A preposição *a* ocorre facultativamente com o complemento directo quando este representa o tópico em posição inicial da frase: *Ao Pedro, nunca encontro na rua*. *Ao Pedro, nunca o encontro na rua*. *O Pedro, nunca o encontro na rua*. *O Pedro, nunca encontro na rua*. O complemento directo precede o verbo, formando um grupo prosódico distinto. Como vemos, pode ser ou não retomado por um pronome clítico. Quando é retomado, trata-se do **objecto directo ple-nástico**.<sup>153</sup>
- A preposição ocorre com o complemento directo no caso dos verbos afectivos, como *amar, louvar, temer*: *amar/louvar a Deus, amar ao próximo*.<sup>154</sup>



152 Kury (2002: 45).

153 *Idem, ibidem.*

154 *Idem, ibidem.*

Do ponto de vista semântico, o complemento directo pode desempenhar vários papéis semânticos: **paciente, experienciador, meta, estímulo**.<sup>155</sup>

O papel semântico de paciente apresenta dois tipos diferentes: **paciente afectado**<sup>156</sup> (que representa uma entidade afectada de algum modo por uma acção iniciada por um agente) e **paciente resultante**<sup>157</sup> (que representa a entidade criada como resultado do evento descrito pelo predicado):

*A Teresa convidou os amigos para a festa. (paciente afectado)*  
*O Martim desenhou uma ovelha branca. (paciente resultante)*

O papel semântico de **experienciador**<sup>158</sup> ocorre com os verbos que exprimem estados psicológicos de natureza emocional (p.ex. *aborrecer, alegrar, assustar, preocupar, surpreender*). Neste casos, o complemento directo representa a entidade animada que se encontra nesse estado.

*A Ana assustou o filho.*  
*Essa notícia desgostou toda a gente.*

O papel semântico de **meta**<sup>159</sup> ocorre com verbos que denotam movimento (p.ex. *abarrota, atafulhar, atestar, carregar, encher*). Nesse caso o complemento directo denota um lugar que é meta ou destino final de um movimento.

*O Zé carregou a carroça de lenha. (meta)*  
*Carla encheu a estante de livros. (meta)*

O papel semântico de **estímulo**<sup>160</sup> ocorre com verbos que significam percepção (p.ex.: *escutar, ouvir, sentir, ver*) ou com verbos de natureza estativa que denotam uma atitude afectiva causada por algo ou alguém externo ao experienciador (p.ex. *adorar, odiar, temer, conhecer*).

*Odeio o egoísmo. (estímulo)*  
*Conheci o João na festa. (estímulo)*

155 Gramática do Português (2003: 373).

156 Gramática do Português (2003: 1165).

157 Gramática do Português (2003: 1166).

158 *Idem*.

159 *Idem*.

160 *Idem*.

### 4.2.2. Complemento indirecto

O complemento indirecto caracteriza-se por ser unido com o verbo por meio de uma preposição formando, portanto, um sintagma preposicional cujo núcleo é a preposição *a/para*.<sup>161</sup>

*Escrevi à Ana./Ofereci uma prenda ao Pedro.*

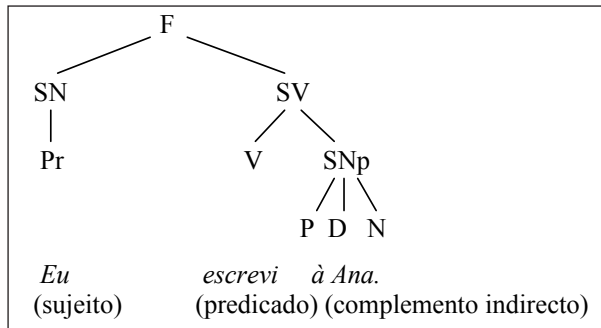
No caso de o complemento directo ser um pronome, este realiza-se através das formas oblíquas clíticas dativas *me, te, lhe, nos, vos lhes*. Esta também pode substituir o complemento indirecto com o núcleo nominal. Assim, as frases acima mencionadas poderiam ser substituídas por:

*Escrevi-lhe. (à Ana)./ Ofereci-lhe (ao Pedro) uma prenda.*

Caso esta substituição não seja possível, o sintagma preposicional não pode ser interpretado como complemento indirecto mas sim como advérbio locativo (adjunto adverbial de direcção), como se vê na seguinte frase:

*Cheguei à reunião./ \*Cheguei-lhe.-*

O complemento indirecto responde tipicamente a perguntas iniciadas pelo sintagma preposicional *a quem*: *A quem é que escreveste? Escrevi à Ana.*



Quanto à posição do complemento indirecto na frase, este ocorre tipicamente à direita do complemento directo, como ilustra o seguinte caso:

*Enviou o dinheiro ao Pedro.*

<sup>161</sup> Gramática da Língua Portuguesa (2003: 289).

No entanto, o complemento indirecto na forma clítica segue imediatamente o verbo e precede o complemento directo. Veja-se a seguinte frase:

*Cantou-lhe uma canção.*

Também, caso o complemento directo seja representado por uma oração subordinada ou por um sintagma nominal longo ou estruturalmente complexo, o complemento indirecto ocorre imediatamente a seguir o verbo

*A Fátima disse-lhe que vai chegar atrasada ao jantar.*

*O Pedro ofereceu-me o livro que tinha escrito sobre o Teatro Revista.*

Há dois casos em que o complemento indirecto pode ser de carácter adverbial. São os chamados **dativos de posse**<sup>162</sup> e **dativos éticos**<sup>163</sup>. Trata-se de complementos indirectos introduzidos pela preposição *a* e pelo pronome clítico.

O **dativo de posse** ocorre na construção em que o complemento indirecto se manifesta na forma de um pronome dativo. O dativo de posse representa uma entidade que é afectada, de um modo subjectivo, pelo evento realizado, como ilustra o seguinte caso:

*A mãe conhece-nos as manias. (no sentido de as nossas manias).<sup>164</sup>*

O **dativo ético** é sempre um pronome dativo que remete para uma entidade, embora não corresponda a um participante da acção descrita pela frase. É de alguma maneira afectada por ele. Esta construção usa-se em frases exortativas ou exclamativas, facto pelo que as formas mais comuns em que o dativo ético aparece, são a 1ª e a 2ª pessoa, como mostram os seguintes exemplos:

*Não me toques no José!<sup>165</sup>*

*Abre-me este dicionário!*

*O meu filho adoecer-me sempre que começam as aulas em Setembro.*

Do ponto de vista semântico, o objecto indirecto representa uma entidade humana que pode desempenhar vários papéis: pode ser **origem (fonte)**, **destinatário** e **beneficiário**.<sup>166</sup>

162 Kury (2002:48); Gramática do Português (2013:1180).

163 Kury (2002:48); Gramática do Português (2013:1181).

164 Gramática do Português (2013: 1180).

165 Kury (2002: 48).

166 Gramática do Português (2013: 1169-1170).

O papel temático de **destinatário**<sup>167</sup> ocorre com os verbos transitivos indirectos que denotam geralmente um indivíduo a quem se destina a entidade transferida. Estes verbos são denominados **verbos de transferência** e entre eles contam-se: *dar, comprar, entregar, oferecer, vender, dizer, explicar, falar, sorrir, etc.:*

*Sorriu à Ana.*

*Deu uma prenda à Fátima.*

O papel temático de **origem**<sup>168</sup> (fonte) ocorre, por exemplo, com os verbos *comprar, roubar, tirar*:<sup>169</sup>

*Comprei a saia à Ana.*

*(destinatário/ou origem)*<sup>170</sup>

O papel temático de **beneficiário**<sup>171</sup> ocorre com verbos que têm alguma coisa a ganhar ou a perder com a transferência:

*Dei-lhe um cheque.*

*(destinatário ou beneficiário)*

Habitualmente, o complemento indirecto no papel temático de beneficiário, é introduzido pela preposição *para*:

*Comprou um carro ao/para o filho.*

*(destinatário ou beneficiário)*

Caso o beneficiário e a origem co-ocorrerem numa frase, o papel temático de origem é introduzido pela preposição *a* e o beneficiário pela preposição *para*:<sup>172</sup>

*Comprou um carro ao vizinho[origem] para o filho. [destinatário/beneficiário].*

Outros verbos que seleccionam o complemento indirecto são os verbos directivos (p.ex. *ordenar, pedir, propor, rogar, sugerir, suplicar*) entre outros, que denotam ordens, pedidos, recomendações, conselhos dirigidos pelo(s) agente(s) a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos:<sup>173</sup>

*Proponho-te fazeres um orçamento aceitável./Sugeri à Ana que fosse ao médico.*

Também pertencem ao grupo dos verbos que se podem ligar com o comple-

167 *Idem.*

168 *Idem.*

169 *Idem.*

170 Gramática da Língua Portuguesa (2003: 289).

171 *Idem.*

172 Gramática do Português (2013: 1177).

173 Gramática do Português (2013: 1174).

mento indirecto verbos intransitivos existenciais (p.ex. *bastar, chegar, faltar, sobrar, constar, ocorrer, parecer*), verbos psicológicos (p.ex. *agradar, apetecer, aprazer, convir, custar, desagradar, doer, importar, interessar, repugnar*) e o verbo de posse (*pertencer*):

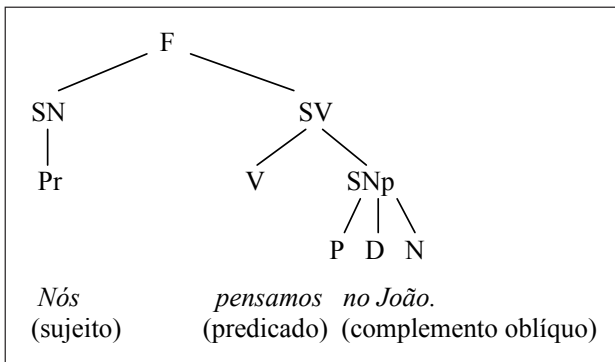
*Sobrou-me algum dinheiro.*  
*Falta-lhe o interesse pelo trabalho.*  
*Chegam-me 20 euros para a viagem.*  
*Não me parece que esteja preocupado.*

Outro grupo dos verbos intransitivos que seleccionam um complemento indirecto são os verbos *desobedecer obedecer, resistir, sobreviver*. Neste caso, o complemento indirecto pode representar uma entidade não humana, contrariamente ao que foi discutido acima:

*Sobrevivemos à catástrofe.*<sup>174</sup>  
*O João não conseguiu resistir à tentação.*  
*Obedeça-se às leis.*

### 4.2.3. Complemento oblíquo

O complemento oblíquo é aquele que não é nem directo nem indirecto. Tipicamente, são sintagmas preposicionais introduzidos por uma preposição, pelo que são chamados **complementos preposicionados**<sup>175</sup> ou **oblíquos**.<sup>176</sup> Quando o complemento oblíquo é um pronome, este pertence à série dos pronomes oblíquos: *mim, ti, si, nós, vós, ela (s), ele(s)* que seguem a preposição:



174 Gramática do Português (2013: 1175).

175 Gramática do Português (2013: 369).

176 Gramática da Língua Portuguesa (2003: 294).

Aos complementos oblíquos pertencem também **os complementos adverbiais**<sup>177</sup> que são seleccionados pelos verbos transitivos adverbiais. Nestas construções denotam localizações espaciais ou numa perspectiva estática (*estar em, ficar em, ser em*) ou numa perspectiva dinâmica de lugar de origem, de destino ou de passagem (*ir a, ir por, passar por, etc.*), como se vê nas seguintes frases:

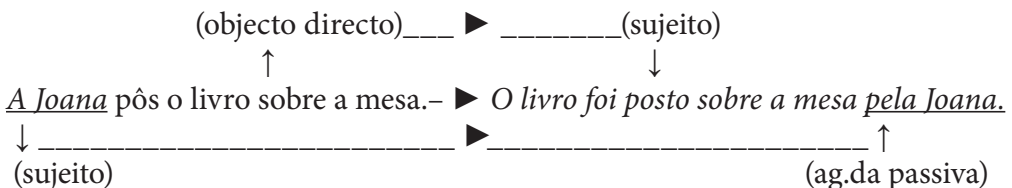
<i>Estou <u>em Lisboa</u>.</i>	(perspectiva estática)
<i>O hotel Intercontinental é <u>na praça principal</u>.</i>	(perspectiva estática)
<i>Vamos <u>para o Porto</u>.</i>	(perspectiva estática)
<i>Passámos <u>por Itália</u>.</i>	(perspectiva estática)

O complemento oblíquo de verbos de medida como são, por exemplo: *custar, durar, medir e pesar*, exprime o valor de entidades físicas ou abstractas numa escala quantitativa e não é introduzido por uma preposição. Não podendo ser substituídos pelo pronome clítico oblíquo acusativo, não podem ser interpretados como complementos directos:<sup>178</sup>

<i>O disco custou <u>quinze euros</u>.</i>	*O disco custou-os.
<i>O jogo de futebol durou <u>uma hora e meia</u>.</i>	*O jogo de futebol durou-os.
<i>A coluna mede <u>dois metros</u>.</i>	*A coluna mede-os.
<i>Essa bagagem pesa <u>vinte quilos</u></i>	*Essa bagagem pesa-os.

#### 4.2.4. Agente da passiva

Aos termos integrantes da oração pertence também **o agente da passiva**<sup>179</sup> que ocorre nas orações passivas e que corresponde canonicamente a orações activas transitivas com um sujeito agente. O agente da passiva na oração passiva corresponde, na sua contrapartida activa, ao sujeito e forma um sintagma preposicional cujo núcleo é tipicamente a preposição *por*, eventualmente também *de*:



177 Kury (2002: 50).

178 *Veja-se a nota de rodapé 149.*

179 Kury (2002: 50).

Um caso peculiar regista-se nas orações passivas com verbos causativos, chamados também “factitivos”, constituídos pelos verbos transitivos directos cujo complemento directo se constitui de um ser que age por força do sujeito. Por outras palavras, o sujeito faz com que o objecto faça ou se torne alguma coisa. É o caso dos seguintes verbos: *acalentar, afugentar, afundar, apascentar, amenizar, galvanizar, robotizar, deixar, fazer, mandar, tornar, codificar, mumificar, retificar*, entre outros. Quando o sujeito agente não é uma entidade humana, na oração passiva não corresponde à função de agente da passiva mas, sim, à de complemento oblíquo, habitualmente introduzido pela preposição *com*, como mostram os seguintes exemplos:

*A tempestade destruiu a cidade.* ▶ *A cidade ficou destruída com a tempestade.*  
*O vento afundou o barco.* ▶ *O barco afundou-se com o vento.*

#### 4.2.5. Complemento nominal e adjectival

O último caso do objecto oblíquo é o caso do **complemento nominal<sup>180</sup> e adjectival<sup>181</sup>**. Ao lado dos verbos transitivos existem nomes que igualmente, em determinadas frases, podem ter um carácter transitivo, precisando de um complemento para que o seu sentido seja completo. Trata-se de nomes e adjectivos deverbativos derivados dos verbos transitivos directos ou indirectos. Assim a construção *vender mercadorias*, ou *saber a verdade* que contém um verbo transitivo directo e um complemento directo, poderia ser transposta para o sintagma nominal deverbativo transitivo: *venda de mercadorias*, ou, *estar consciente do problema* (ciente- etim. gerundio do verbo saber), onde o complemento *de mercadorias*, e *do problema*, uma vez que é seleccionado pelo nome ou adjectivo, seria classificado como nominal ou adjectival, respectivamente. Ao contrário do complemento directo dos verbos transitivos directos, o complemento nominal é sempre um sintagma preposicionado. Assim, no exemplo a seguir, o complemento directo não é introduzido por uma preposição, enquanto que a sua contrapartida nominal é preposicionada:

*visitamos a cidade.* ▶ *a nossa visita à cidade.*

#### 4.2.6. Constituintes adverbiais seleccionados

Finalmente, existem consituientes oracionais que são seleccionados e cuja omissão poderia tornar a frase agramatical. Trata-se de um pequeno grupo de ver-

180 Kury (2002: 51).

181 Gramática do Português (2013: 1365).



Os, como *cheirar*, *comportar-se*, *portar-se*, *sentir-se*, os quais seleccionam um constituinte com valor semântico de modo, que pode ser estruturalmente um advérbio, um sintagma preposicional ou uma oração relativa de modo introduzida pelo advérbio relativo como ilustram os seguintes exemplos:<sup>182</sup>

*Os meus filhos portaram-se bem na festa.*

*A carne cheira mal.*

*Eu sinto-me assim-assim.*

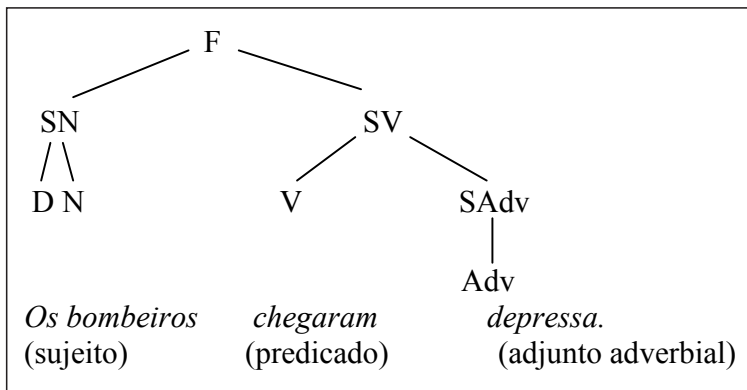
Estes constituintes são obrigatórios, contudo, não são argumentos integrantes típicos da oração nem do verbo.

## 4.3. TERMOS ACESSÓRIOS

Os constituintes da oração que não são seleccionadas pelo verbo ou pelo nome e cuja omissão não causa a agramaticalidade da oração, são denominados **constituintes adjuntos** ou **acessórios**. Encontram-se, nesta função, quatro termos: o adjunto adnominal e o adjunto adverbial, aposto e vocativo.

### 4.3.1. Adjuntos adverbiais

Os constituintes com a função de adjunto adverbial são expressões que descrevem as circunstâncias das situações descritas, sobretudo circunstâncias temporais, espaciais e as relativas ao modo como foi praticada a acção, ao instrumento usado, entre outros.<sup>183</sup> A função dos adjuntos adverbiais é exercida canonicamente por um advérbio, ou seja, por um sintagma adverbial, como mostra o seguinte diágama:



182 Gramática do Português (2013: 1187).

183 Kury (2002: 54).

Além do sintagma adverbial, esta função pode ser exercida, também, por um sintagma preposicional (“*Nasceu em Junho.*”), por um sintagma nominal (“*Os meninos vão ao cinema segunda-feira/esta semana/este mês.*”), ou por uma oração subordinada adverbial: (“*Sairam para a rua, quando estava a chover.*”)

Os adjuntos adverbiais não são obrigatórios nas frases, podendo ser livremente omitidos sem que seja afectada a sua boa formação semântica (às vezes abrevia-se em “adjuntos”). Concomitantemente, é necessário distinguir as expressões adverbiais que são seleccionadas pelos verbos das que não o são. No primeiro caso, quando a expressão adverbial é necessária para integrar o sentido dos predicadores verbais, falamos dos complementos oblíquos, cuja omissão afectaria a boa formação semântica da frase, como a seguinte frase mostra:<sup>184</sup>

*A Maria pôs o livro no banco do jardim. / \*A Maria pôs o livro.*

No entanto, numa outra frase, o mesmo constituinte descreve as circunstâncias locativas da situação representada. Neste caso, a expressão adverbial funciona como adjunto adverbial, sendo possível a sua omissão sem que a frase seja agramatical, como mostra o seguinte exemplo:

*A Maria adormeceu no banco do jardim. / A Maria adormeceu.*

Os adjuntos adverbiais que constituem sintagmas plenos ou orações ocorrem geralmente depois dos complementos seleccionados:

*Entreguei o trabalho de casa à professora depois de terminarem as aulas.*

Quando a função do adjunto é exercida por um advérbio, este pode ocorrer numa posição imediatamente a seguir ao verbo, antes dos complementos seleccionados, como mostra a seguinte frase:

*Fui ontem ao teatro.*

*Os alunos pediram amavelmente à professora autorização para poderem abrir a janela.*

Existe um pequeno grupo de advérbios como já, nunca, quase, só, talvez e também que ocorrem entre o sujeito e o predicado, mas que prosodicamente são integrados dentro do sintagma verbal:

184 Gramática do Português (2013: 1184).

O Pedro já leu o livro.

Eu ainda estou na Faculdade.

Eu só queria perguntar-lhe uma coisa.

O Pedro nunca deixou de fumar.

Além destes advérbios existem os que podem ser prosodicamente autónomos e que se separam na escrita, por vírgulas.

*As noites, essas, foram reservadas ao convívio e, consequentemente, à folia.*

Os adjuntos adverbiais formam uma classe muito diversificada, apresentando, entre outros, os seguintes valores semânticos.<sup>185</sup>

- instrumento: *a óleo, com chave, com guache* (p.ex: "Abriu a porta com chave.");
- acréscimo: *além de+nome* (p.ex: "Além do João, conheci também o Pedro.");
- afirmação: *com certeza, na minha opinião, com efeito, de facto, na verdade* (p.ex: "Na verdade, os salários, hoje, são muito baixos.");
- assunto: *em/sobre/ a respeito de/ acerca de, +nome* (p.ex: "Vamos falar sobre/de gramática.");
- avaliação: *à primeira vista, em boa hora, por azar, por sorte, sem dúvida, sem sombra de dúvida, antes de mais, ao fim e ao cabo, já agora, ora bem, acima de tudo, em particular* (p.ex: "Antes de mais, desejaria agradecer-lhe a sua ajuda.");
- causa: *por+nome, de+ nome, graças a+ nome, devido a+nome, em virtude de+nome*; (p.ex: "As crianças morreram à minguá."/"Fui ver a exposição por curiosidade.");
- comitativo ou de companhia: *com+nome: com a namorada, com o João, contigo* (p.ex: "Fui jantar com o João.");
- comparação: *como+nome;* (p.ex: "Fala francês como um francês.");
- concessão: *ainda assim, apesar de, não obstante, mesmo assim* (p.ex: "Apesar da chuva, saíram.");
- condição: *sem/com + nome* (p.ex: "Sem esforço não há progresso.");
- conformidade: *segundo, de acordo com, em termos de, consoante, em conformidade com, conforme+nome* (p.ex: "Segundo a opinião da professora, o Festival de Cultura dos Países da Expressão Portuguesa em Brno foram os melhores de todos.");
- dúvida: *talvez, se calhar* (p.ex: "Se calhar vamos sair.");
- favor, interesse: *por+nome, para+ nome* (p.ex: "Fi-lo por ti.");
- fim: *para+nome, de+nome* (p.ex: "Vive para a música."/"Tem motivos de queixa.");

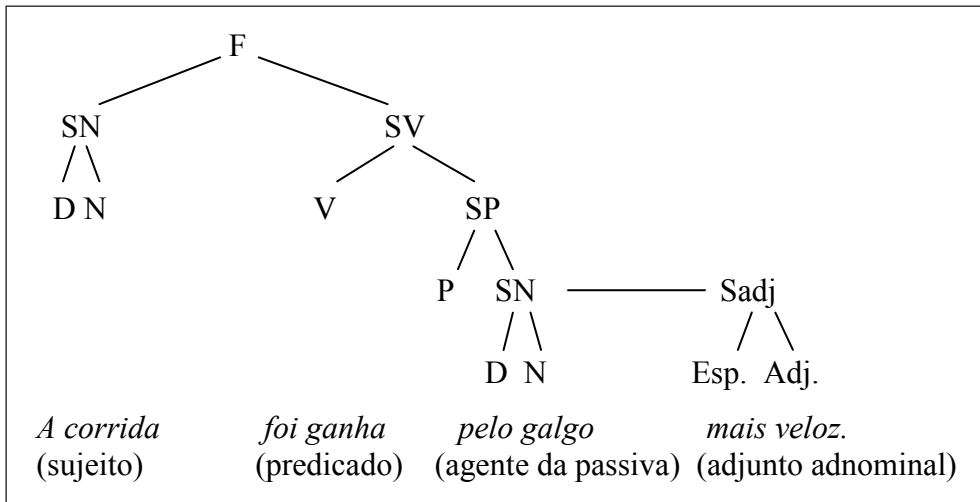
185 Kury (2002: 56).

- grau ou quantidade: *a potes, mais ou menos, um bocadinho, um bocado, um pouco, um pouquinho* (p.ex: "Chove a potes"/"É mais ou menos a mesma coisa."/)"Vou beber um pouquinho de leite.");
- intensidade: *pouco, muito, bastante, à farta* (p.ex:"Bebe muito."/)"Come pouco."/)"Comi à farta.");
- iteração: *às vezes, de quando em quando, de vez em quando, dia a dia, dia após dia, dias e dias a fio, habitualmente, frequentemente* (p.ex: "Trabalhava dias e dias a fio.");
- limite: *até* (p.ex: "Fomos a pé de Estoril até Carcavelos.");
- lugar: localização espacial: *ao longe, de longe, logo ali, aqui, aí, acolá, em Lisboa* (p.ex: "Ao longe ouvia-se um grande barulho.");
- lugar: direcção (p.ex: "Voltou para casa.");
- lugar: origem (p.ex: "Venho das aulas.");
- lugar: passagem (p.ex: "Passámos por França.");
- matéria: *de+nome* (p.ex: O telhado foi construído de zinco.");
- meio: *por+nome* (p.ex: "Vamos passar por França.");
- modo: *a custo, a torto e a direito, à alentejana, à inglesa, à pressa, à toa, à vontade, ao acaso, às cegas, à mercê de, às escuras, assim ou assado, a dedo, a cavalo, de bom grado, de pé, de mansinho, de propósito, de má vontade, de ponta a ponta, de rompante, com unhas e dentes* (p.ex: "Fê-lo de má vontade e à pressa.");
- negação: *de forma alguma, de maneira nenhuma, de modo algum* (p.ex: "Não quero incomodar de forma alguma.");
- preço: *sem escudos, a cem euros* (p.ex: "Está a três euros o quilo.");
- substituição ou troca: *em lugar de, em vez de* (p.ex: "Em lugar do livro, leu o jornal.");
- tempo: localização temporal: *à noite, à tarde, tarde, cedo, agora, ainda agora, antes que seja tarde (de mais), de então para cá, de momento, desde já, em boa hora, mais logo, de noite, de tarde, este mês, no mês passado, (na) segunda-feira* (p.ex: "Vamos falar mais logo.");
- tempo: ordenação temporal: *de novo, outra vez, de repente, conseqüentemente, a seguir, seguidamente* (p.ex: "De repente, começou a chorar.")

### 4.3.2. Adjunto adnominal

Em qualquer função sintáctica que possa ter como núcleo um substantivo, este pode vir acompanhado de palavras ou locuções de valor ou função adjectiva que lhe delimitam o sentido geral. Essas palavras ou locuções gravitam em torno do núcleo substantivo e exercem a função de **adjunto adnominal**, o qual pode funcionar:

- como **modificador adjectival do nome** modificando o nome (como adjectivos ou locuções adjectivais formadas por um sintagma preposicional): *bola vermelha*, *leite magro*, *valor acrescentado*, *olhos de gata*, *força de leão*, *anel de ouro*); ou
- como **especificador adjectival** sendo expressos por determinantes (artigos e pronomes demonstrativos e quantificadores) que, habilitam o sintagma nominal a representar entidades do discurso que possuem as propriedades denotativas expressas pelo nome: *os livros*, *uma rapariga*, *esse banco*; *muito trabalho*, *pouco dinheiro*, *bastante energia*, *mais livros*, *qualquer pessoa*, *cada dia*, *que tempo*, *qual trabalho*, *cujo filho*, *vinte euros*, *o primeiro dia*).



Os modificadores adjectivais expressam valores circunstâncias da predicação nominal e podem ser livremente omitidos, ao contrário do complemento nominal oblíquo. Quando representados por um adjectivo, ocorrem tanto à esquerda do substantivo (*bom dia*) como à sua direita (*bola vermelha*). Quando se encontra numa posição pós-nominal, o adjectivo restringe o significado do nome, ou seja, tem uma significação restritiva: de todas as bolas é a *bola* que corresponde com a propriedade adicional *vermelha*. Este significação do adjectivo posposto é denominada também **leitura restritiva**.<sup>186</sup> Em contrapartida, com o adjectivo na função pré-nominal, esta restrição de significado não sucede, pelo que esta leitura é chamada de **leitura não restritiva**.<sup>187</sup> Na expressão: “*Bom dia*” não é só o dia que é bom de que falamos.

É de destacar que alguns adjectivos podem ocupar ambas as posições, mudando ou a sua leitura ou a expressividade. Por exemplo, o adjectivo *falso*, na leitura

186 Gramática do Português (2013: 1433).

187 Gramática do Português (2013: 1440).

restritiva (intensional) qualifica o valor de verdade da proposição veiculada pelo nome ou pela oração: informação falsa significa uma informação que não possui o valor de verdade, como ilustram os seguintes casos:<sup>188</sup>

*Isto é falso.= Isto não é verdade.*

Por outro lado, na posição pré-nominal, o adjetivo *falso* veicula a ideia de que a entidade não pertence à classe denotada pelo nome, ou seja, nega a sua autenticidade: *falsas pestanas, falsa solução, falso Renoir, falsos médico, falso culpado*, etc.<sup>189</sup>

De um modo semelhante funciona o adjetivo *verdadeiro*, o qual, na posição pós-nominal, veicula um sentido de “autenticidade: *amigo verdadeiro, um Renoir verdadeiro*. Na posição pré-nominal, a leitura de autenticidade, contudo, é a mesma, mas não exatamente idêntica. Nesta posição, o falante usa os adjetivos para intensificar as propriedades que caracterizam o sentido do nome (*um verdadeiro/autêntico dia de primavera*).

Outro exemplo que abona esta polivalência adjectival é o adjetivo *único*. Na posição pós-nominal, (p.ex.: *uma pessoa única*) o adjetivo exprime a ideia de que algumas propriedades se manifestam nesta pessoa de uma forma especial. Na posição pré-nominal, em contrapartida, o adjetivo tem uma dimensão quantitacional, exprimindo que, no contexto relevante, não há quaisquer outras pessoas que satisfaçam o seu sentido:

*A única pessoa que pode ajudar neste momento, és tu.*

Existem ainda outros adjetivos, cuja significação se deriva da sua posição. Pertencem, entre eles: *sério, pobre, rico, bom, grande, antigo, caro, franco, leve, maior, menor, novo, próprio*, etc.<sup>190</sup>

É necessário distinguir os adjetivos e locuções adjectivais (modificadores adjectivais) da função dos predicativos do sujeito e do objecto (chamada também predicção secundária de base adjectival). Na função predicativa, os adjetivos são unidos com o sujeito através do verbo copulativo e não podem ser omitidos da frase sob pena de afectar a sua boa formação semântica, como se vê na seguinte frase:

*Ela é bonita. /\*Ela é (-).*

188 Gramática do Português (2013: 1394).

189 *Idem, ibidem*.

190 Svobodová (2014: 100).

Neste caso falamos de adjetivos seleccionados, ao contrário dos adjuntos que não são seleccionados, uma vez que não são indispensáveis para a boa formação semântica da oração, como ilustra a seguinte frase:

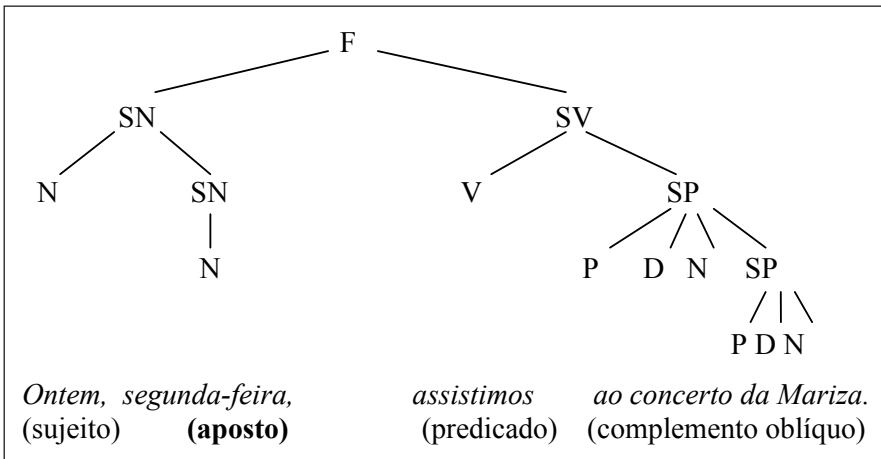
*Conheci uma mulher bonita. / Conheci uma mulher (-).*

### 4.3.3. Aposto

Aposto é um constituinte que se junta a outro de valor substantivo ou pronominal para explicá-lo ou especificá-lo melhor.<sup>191</sup> Está separado dos demais constituintes da oração por vírgula, dois-pontos ou travessão, como se vê, por exemplo, na seguinte frase:

*Ontem, segunda-feira, assistimos ao concerto de Mariza.*

segunda-feira é aposto do adjunto adverbial de tempo *ontem*. Dizemos que o aposto é sintaticamente equivalente ao elemento a que se relaciona porque poderia substituí-lo. Após a eliminação de *ontem*, portanto, o substantivo *segunda-feira* assume a função de adjunto adverbial de tempo, como exemplifica o seguinte caso:



O aposto pode referir-se ainda a outras funções, por exemplo, à de complemento oblíquo, à de complemento directo e à de aposto, entre outros. O aposto que se refere ao objecto indirecto, complemento nominal ou adjunto adverbial pode aparecer precedido de preposição. Às vezes, o aposto pode vir precedido de expressões explicativas do tipo: *a saber, isto é, por exemplo*:

191 Kury (2002: 57).

*Estava deslumbrada com tudo: com a aprovação, com o ingresso na universidade, com as felicitações.* (aposto precedido de preposição)

*Eu gosto de todos os tipos de música: samba, bossa-nova, rock, blues.* (aposto de complemento oblíquo)

*Fui falar com o meu patrão, pai do Pedro, meu amigo da escola.* (aposto do aposto)

*Alguns alunos, a saber, Marcos, Rafael e Bianca não entraram na sala de aula após o recreio.* (aposto introduzido por a saber)

De acordo com a relação que estabelece com o elemento a que se refere, o aposto pode ser classificado em:<sup>192</sup>

- **aposto explicativo:** "A Maria, filha do nosso médico de família, casou.";
- **aposto enumerativo:** "Eu e tu, temos muitas temas em comum: amor, trabalho, acção.";
- **aposto resumidor** ou recapitulativo: "Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, tudo isso está na base de um país melhor.";
- **aposto comparativo:** "As estrelas, grandes olhos curiosos, fixaram-se por muito tempo na baía anoitecida.";
- **aposto distributivo:** "Drummond e Guimarães Rosa são dois grandes escritores, aquele na poesia e este na prosa.";
- **aposto de oração:** "Ela correu durante uma hora, signal de preparo físico."

Além desses, há o **aposto especificativo**, que difere dos demais por não ser marcado por sinais de pontuação (vírgula ou dois-pontos). O aposto especificativo individualiza um substantivo de sentido genérico, prendendo-se a ele directamente ou por meio de uma preposição, sem que haja pausa na entonação da frase: *cidade de Roma, mar Mediterrâneo.*

Destaque-se que não se pode confundir o aposto de especificação com adjunto adnominal. Enquanto o adjunto adnominal é substituível pelo adjetivo, o aposto não o é:

*A obra de Camões/camoniana é símbolo da cultura portuguesa.*

*O poeta Luís de Camões/\*camoniano morreu pobre.*

#### 4.3.4. Vocativo

O vocativo é o termo da oração que usamos frequentemente na linguagem falada quotidianas para invocar ou interpelar o interlocutor. O vocativo não se relaciona sintacticamente com nenhum dos constituintes frásicos. Geralmente, direcci-

192 *Idem.*



ona-se à segunda pessoa do discurso. O uso do vocativo apresenta, na frase, as seguintes características:

- O vocativo sempre está entre vírgulas: – „*Filho, vem cá à mãe*“.
- Muitas vezes é acompanhado pela interjeição: Ó.– „*Ó minha filha, isso não se diz!*“
- Faz muitas vezes parte da oração exclamativa.– „*Buda, senta!*“; „*Buda e Pacha, juntos!*“
- Também serve para substituir, pragmaticamente, o nome original. „*Diz-lá, meu fofinho.*“ „*Pare com isso, malandro!*“

